



PLANO OPERACIONAL ANUAL - POA

UPA 4 /2018

Floresta Nacional de Saracá-Taquera
Unidade de Manejo Florestal 1B
SAMISE Indústria, Comércio e Exportação LTDA

2018

Plano Operacional Anual – POA

FLORESTA NACIONAL SARACÁ-TAQUERA (UMF 1B)

Proponente:	SAMISE Indústria, Comércio e Exportação Ltda.
CNPJ:	05.334.363/0002-68
Proprietário:	Floresta Nacional – Domínio da União
Responsável Técnico pela Elaboração:	Farid Pinheiro Abdul Massih
Responsável Técnico pela Execução:	Farid Pinheiro Abdul Massih
Imóvel:	Flona Saracá-Taquera – UMF 1B
Categoria de PMFS:	Pleno
Contrato de Concessão:	Concorrência– Contrato de Concessão relativo à UMF 1B – Flona Saracá-Taquera – Concessionário: SAMISE Indústria, Comércio e Exportação Ltda.
Data de Assinatura do Contrato:	25/03/2014

Índice

LISTA DE GRÁFICOS	5
LISTA DE TABELAS	6
LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS	8
1. APRESENTAÇÃO	10
2. INFORMAÇÕES GERAIS.....	11
2.1 Detentor	11
2.2 Responsável pela Elaboração e Execução	11
3. INFORMAÇÕES SOBRE O PLANO DE MANEJO FLORESTAL.....	11
4. DADOS DA PROPRIEDADE.....	11
5. OBJETIVO DO POA	12
5.1 Objetivos Específicos do POA.....	12
6. INFORMAÇÕES DA UPA.....	12
6.1 Identificação	12
6.2 Localização	12
6.3 Coordenadas Geográficas dos Limites	13
6.4 Subdivisões Em UT'S.....	14
6.5 Resultados do Microzoneamento	15
6.6 Área Total (Ha) e Percentual em Relação à UMF.....	15
6.7 Área de Efetiva Exploração Florestal (ha) e Percentual em relação à Área da UPA.	15
6.8 Área de Preservação Permanente.	15
6.9 Áreas Inacessíveis	16
6.10 Área de Infraestrutura	16
7. PRODUÇÃO FLORESTAL PLANEJADA.	18
7.1 Especificação do Potencial de Produção por Espécie considerando a Área de Efetiva Exploração Florestal indicando:	18
7.1.1 Nome vulgar e Científico	24
7.1.2 Diâmetro Mínimo de Corte (cm) considerado.....	25
7.1.3 Volume e Número de Árvores acima do DMC da Espécie.....	26
7.1.4 Volume e Número de Árvores acima do DMC da Espécie que atendam Critérios de Seleção para Corte	26
7.1.5 Porcentagem do Número de Árvores a serem mantidas na Área de Efetiva Exploração.	26
7.1.6 Volume e Número de Árvores com Baixa Densidade.	26
7.1.7 Volume e Número de Árvores Passíveis de serem Exploradas.	26
7.1.8 Volume de Resíduos Florestais a serem Explorados.....	27
8. PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES NA AMF PARA O ANO DO POA.....	27
8.1 Especificação de todas as atividades previstas para o Ano do POA e respectivo cronograma de execução, com indicação dos equipamentos e equipes a serem empregados, e as respectivas quantidades	27
8.1.1 Atividades Pré-Exploração Florestal.	27
8.1.1.1 Demarcação da UPA e subdivisão em UT.	27
8.1.1.2 Inventário Florestal 100%.....	27
8.1.1.3 Corte de Cipós.	28
8.1.1.4 Seleção de Espécies.....	28
8.1.1.5 Inventário de Fauna.	30

8.1.1.6 Parcelas Permanentes.....	30
8.1.1.7 Planejamento e Construção da Rede Viária e de Pátios de Estocagem.....	30
8.1.2 Atividades de Exploração Florestal.....	31
8.1.2.1 Atividade De Corte.....	31
8.1.2.2 Traçamento do Fuste.....	33
8.1.2.3 Planejamento do Arraste de Toras.....	33
8.1.2.4 Empilhamento e Romaneio.....	34
8.1.2.5 Transporte.....	34
8.1.3 Atividades Pós – Exploratórias.....	35
8.1.3.1 Avaliação de Danos e Desperdício.....	35
8.1.3.2 Monitoramento e Crescimento da Floresta.....	43
8.1.3.3 Tratamentos Silviculturais.....	43
8.1.3.4 Manutenção de Infra-Estrutura.....	43
9. ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....	44
9.1 Coleta de Dados para ajuste de Equações.....	44
9.2 Avaliação de Danos e outros Estudos Técnicos.....	44
9.3 Treinamentos-Ações de melhoria da logística e Segurança do Trabalho.....	44
9.3.1 Equipamento de Proteção Individual.....	44
9.3.2 Apoio às Equipes de Trabalho.....	47
9.3.3 Medidas Preventivas.....	47
10. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	48
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
12. ANEXOS.....	52
12.1 Mapas Florestais.....	52
Carta Imagem da UPA.....	52
12.2 Mapas de localização das árvores em cada UT.....	54
12.3 Resultados do IF 100%.....	83

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA UPA 4/2018	15
FIGURA 2: INFRAESTRUTURA DA UPA 4/2018.....	20
FIGURA 3: IDENTIFICAÇÃO DE TORAS APÓS O TRAÇAMENTO	37
FIGURA 4: ILUSTRAÇÃO DO ESQUEMA DE DIVISÃO DA UT PARA SORTEIO DE AMOSTRAS	40
FIGURA 5: ORIENTAÇÃO PARA MEDIÇÃO DAS DIMENSÕES E PROFUNDIDADE DO PÁTIO DE ESTOCAGEM.....	42
FIGURA 6: EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL PARA OS TRABALHADORES FLORESTAIS.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DIAMÉTRICA DE TODAS AS ÁRVORES INVENTARIADAS, NA UPA 4/2018.....22

GRÁFICO 2: QUALIDADE DE FUSTE DAS ÁRVORES INVENTARIADAS NA UPA 4 /2018, UMF 1B.....25

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: VÉRTICES DA UPA 4/2018.....	16
TABELA 2: ÁREA TOTAL DAS UNIDADES DE TRABALHO, NA UPA 4/2018	16
TABELA 3: PERCENTUAL DAS ÁREAS EM RELAÇÃO À UMF 1B	17
TABELA 4: ÁREA DE INFRAESTRUTURA NA UPA 4/2018	19
TABELA 5: ESPÉCIES INVENTARIADAS NA UPA 4/2018, UMF 1B, NA FLONA DE SARACÁ-TAQUERA, ESTADO DO PARÁ	23
TABELA 6: RESUMO DO IF 100% DA UPA 4/2018	97
TABELA 7: RESUMO DO IF 100% CONFORME A INTENSIDADE DE CORTE PROPOSTA NA UPA 4.....	118
TABELA 8: DISTRIBUIÇÃO DA INTENSIDADE DE CORTE POR UT.....	119

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 : ESPÉCIES A SEREM PROTEGIDAS DE CORTE NA UPA 4/2018.....	26
QUADRO 2 : ESPÉCIES SELECIONADAS PARA A PRODUÇÃO FLORESTAL NA UPA 4 / 2018	27
QUADRO 3 : DIÂMETRO MÍNIMO DE CORTE PARA AS ESPÉCIES.....	28
QUADRO 4 : CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO INVENTÁRIO CONTÍNUO NA UPA 4/2018.....	46

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

- APP:** Área de Preservação Permanente
- ART:** Anotação de Responsabilidade Técnica
- AUTEX:** Autorização de Exploração Florestal
- CAP:** Circunferência a Altura do Peito
- CIPA:** Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
- CONAMA:** Conselho Nacional de Meio Ambiente
- CTF:** Cadastro Técnico Federal
- DAP:** Diâmetro a Altura do Peito
- DOF:** Documento de Origem Florestal
- EIR:** Exploração de Impacto Reduzido
- EPI:** Equipamento de Proteção Individual
- FLONA:** Floresta Nacional
- FSC:** Forest Stewardship Council (Conselho de Manejo Florestal)
- GF:** Guia Florestal
- GT:** Grupo de Trabalho
- IBAMA:** Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICMBIO:** Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
- IMA:** Incremento Médio Anual
- IN:** Instrução Normativa
- MMA:** Ministério de Meio Ambiente
- MRN:** Mineração Rio do Norte
- MS:** Ministério da Saúde
- MTE:** Ministério do Trabalho e Emprego
- NE:** Norma de Execução
- NR:** Norma Regulamentadora
- ONG:** Organização Não Governamental
- PMFS:** Projeto de Manejo Florestal Sustentável
- PMUC:** Plano de Manejo de Unidade de Conservação
- POA:** Planejamento Operacional Anual
- SIG:** Sistema de Informação Geográfica

SMR: Sistema de Monitoramento e Rastreamento de Veículos de Transporte Florestal

SNUC: Sistema Nacional de Unidades de Conservação

UMF: Unidade de Manejo Florestal

UPA: Unidade de Produção Anual

UT: Unidade de Trabalho

ZEE: Zoneamento Ecológico-Econômico

1. APRESENTAÇÃO

A empresa atualmente é detentora da Unidade de Manejo Florestal 1B, na Floresta Nacional de Saracá-Taquera, assinando contrato de concessão no ano de 2014. Nesta área, adota-se a Exploração de Impacto Reduzido (EIR), com o georreferenciamento dos dados coletados na floresta.

Dessa forma, este plano operacional objetiva determinar as atividades que serão executadas durante o ano de 2018 na UMF 1B da Floresta Nacional Saracá-Taquera.

2. INFORMAÇÕES GERAIS

2.1 Detentor	
CONCESSIONÁRIA:	SAMISE Indústria, Comércio e Exportação Ltda.
CNPJ:	05.334.363/0002-68
CTF:	6166125
EMAIL:	ricardo@samise.com.br
2.2 Responsável pela Elaboração e Execução	
IDENTIFICAÇÃO:	Eng. Florestal Farid Pinheiro Abdul Massih
CREA:	1502866129
ART:	PA20180280484
CTF:	6830511
EMAIL:	faridmassih@yahoo.com.br

3. INFORMAÇÕES SOBRE O PLANO DE MANEJO FLORESTAL

IDENTIFICAÇÃO:	UMF 1B – Floresta Nacional Saracá-Taquera
NÚMERO DO PROTOCOLO DO PMFS:	0218.001223/2014-34
ÁREA DA UMF:	59.408,34 ha
CATEGORIA:	Pleno
TITULARIDADE:	Pública Federal – Concessão Florestal

4. DADOS DA PROPRIEDADE

IDENTIFICAÇÃO:	UMF 1B – Floresta Nacional Saracá-Taquera
LOCALIZAÇÃO:	Floresta Nacional Saracá-Taquera
MUNICÍPIO:	Faro e Terra Santa
ESTADO:	Pará

5. OBJETIVO DO POA

Indicar as atividades a serem desenvolvidas na Unidade de Produção Anual 4/2018, da Unidade de Manejo Florestal 1B, localizada nos municípios de Faro e Terra Santa, no ano de 2018, na Flona de Saracá-Taquera, Estado do Pará.

5.1 Objetivos Específicos do POA

- Indicar as informações da área a ser manejada;
- Apresentar o potencial quantitativo e qualitativo das árvores ocorrentes e passíveis de colheita florestal, na UPA 4/2018;
- Indicar o planejamento da infraestrutura da UPA 4/2018;
- Indicar metodologia de monitoramento de impactos da atividade de colheita florestal;
- Indicar metodologia de monitoramento de árvores remanescentes, na UPA 4/2018;
- Apresentar o cronograma, referente às atividades do ano da UPA 4/2018; Produção madeireira para o mercado de indústrias.

6. INFORMAÇÕES DA UPA

6.1 Identificação

Esta área será denominada como UPA 4/2018, sendo, portanto, a quarta unidade de produção anual a ser manejada na Unidade de Manejo Florestal 1B.

6.2 Localização

A UPA 4/2018 localiza-se na UMF 1B, na Flona de Saracá-Taquera, conforme apresentado na **Figura 1**.

O acesso é realizado através da via aérea com vôos partindo de Belém, Santarém para o município de Porto Trombetas. Em seguida, faz-se o transporte por via fluvial até o município de Terra Santa.

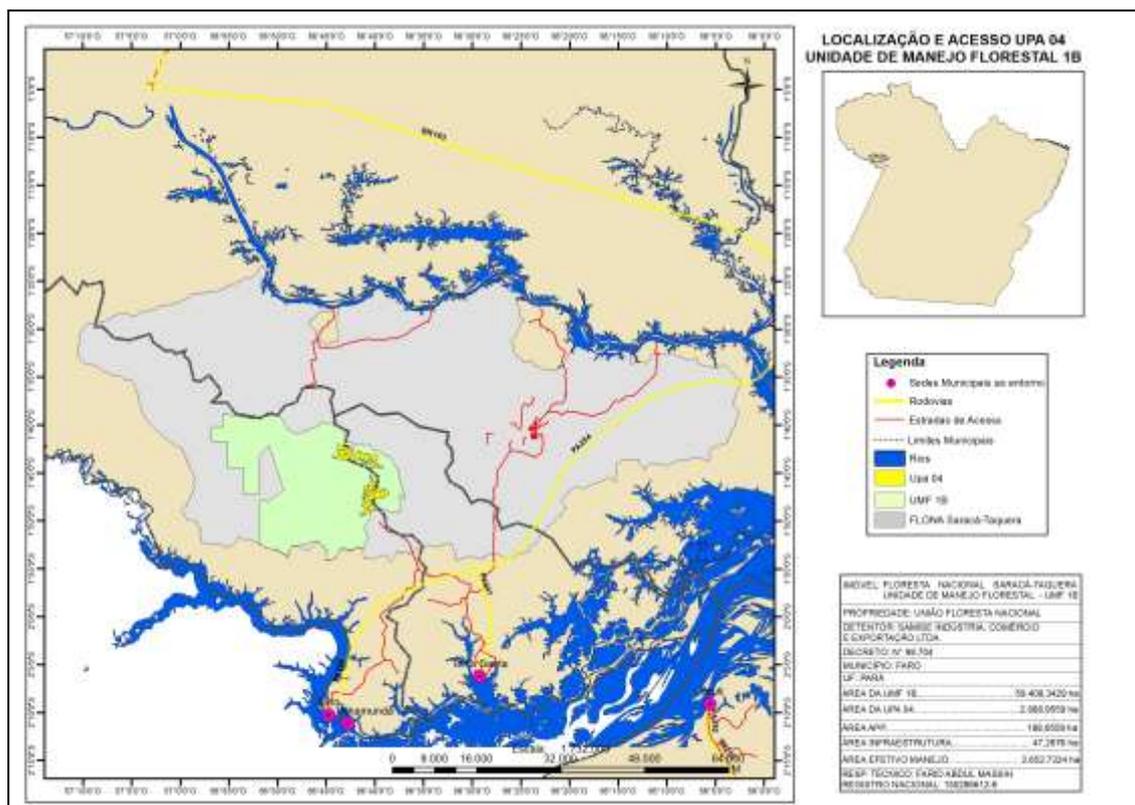


Figura 1: Mapa de Localização da UPA 4/2018.

6.3 Coordenadas Geográficas dos Limites

Segue abaixo os vértices da UPA 4/2018.

Tabela 1: Vértices da UPA 4/2018

Pontos	E	N
1	539792,365	9802465,593
2	536057,034	9800405,629
3	537535,390	9799521,220
4	535432,809	9798618,297
5	534373,592	9798085,597
6	533930,486	9798521,995
7	534329,965	9798990,246
8	534996,618	9799339,495
9	534424,510	9800056,991
10	534602,098	9801171,501
11	535011,496	9803096,381
12	535170,828	9804196,321
13	536128,131	9806192,108
14	536544,670	9804976,941
15	537310,405	9804479,833
16	536441,807	9803080,722
17	535628,402	9808152,966
18	536994,787	9810148,167

19	537619,244	9809819,254
20	538690,625	9807502,687
21	536317,030	9807507,300
22	533168,488	9808628,511
23	533858,797	9810876,689
24	532967,855	9810930,270
25	531821,565	9808894,480
26	528904,469	9809531,635
27	529901,713	9812059,674

6.4 Subdivisões Em UT'S

Para o melhor controle do planejamento das atividades na UPA 4/2018 a ser manejada, esta área terá 29 Unidades de Trabalho, de acordo com a **tabela 2**.

Tabela 2: Área total das Unidades de Trabalho, na UPA 4/2018.

UT	Tamanho da UT (ha)
1	49,7840
2	103,9438
3	97,1957
4	94,6402
5	106,3012
6	99,4383
7	104,6757
8	104,5143
9	96,4743
10	99,7928
11	94,0503
12	101,1822
13	95,6260
14	98,4406
15	101,2677
16	96,8627
17	100,5302
18	107,1004
19	110,1839
20	30,9182
21	95,7264
22	105,1112
23	99,1668
24	119,2739
25	111,7235
26	148,3143
27	66,9539

28	146,2528
29	103,5104
	2.888,9559

6.5 Resultados do Microzoneamento

A realização desta atividade ocorre com o levantamento prévio de campo, durante a execução do censo florestal. Dessa forma, a equipe do inventário faz o levantamento, utilizando GPS, identificando áreas com relevos, APP, e áreas com possíveis limites operacionais.

6.6 Área Total (Ha) e Percentual em Relação à UMF

A área da UPA 4/2018 compreende a 2.888,96 ha (4,86%) em relação à UMF 1B. Enquanto que a APP representa 0,32% da área total, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3: Percentual das áreas em relação à UMF 1 B.

ÁREA	DIMENSÃO (ha)	DIMENSÃO (%)
Área da UMF 1 B (ha)	59.408,34	100
Área da UPA 4/2018 (ha)	2.888,96	4,86
Área de Preservação Permanente da UPA	188,96	0,32
Área de infraestrutura UPA	47,27	0,08
Área de efetiva exploração da UPA	2.652,73	4,47

6.7 Área de Efetiva Exploração Florestal (ha) e Percentual em relação à Área da UPA.

A área de efetiva exploração é determinada a partir das áreas onde não ocorrerá a exploração, subtraindo-se as APPs e da área de infraestrutura. Dessa forma, a área líquida de exploração corresponde a 2.652,73 ha, compreendendo a 91,82% da área total da UPA. E a área da infraestrutura corresponde a 47,27 ha, representando 1,64% da área total da UPA.

6.8 Área de Preservação Permanente.

As áreas de preservação permanente são determinadas a partir do microzoneamento da UPA, de acordo com os parâmetros legais, disposto no Art. 4º da Lei 12.651/2012:

Art. 4º I - as faixas marginais de qualquer curso d'água natural perene e intermitente, excluídos os efêmeros, desde a borda da calha do leito regular, em largura mínima de:

- a) 30 (trinta) metros, para os cursos d'água de menos de 10 (dez) metros de largura;
- b) 50 (cinquenta) metros, para os cursos d'água que tenham de 10 (dez) a 50 (cinquenta) metros de largura;
- c) 100 (cem) metros, para os cursos d'água que tenham de 50 (cinquenta) a 200 (duzentos) metros de largura;
- d) 200 (duzentos) metros, para os cursos d'água que tenham de 200 (duzentos) a 600 (seiscentos) metros de largura;
- e) 500 (quinhentos) metros, para os cursos d'água que tenham largura superior a 600 (seiscentos) metros;

...

V - as encostas ou partes destas com declividade superior a 45°, equivalente a 100% (cem por cento) na linha de maior declive;

...

X - as áreas em altitude superior a 1.800 (mil e oitocentos) metros, qualquer que seja a vegetação.

6.9 Áreas Inacessíveis

Na UPA 4/2018 não foram encontradas áreas inacessíveis.

6.10 Área de Infraestrutura

A infraestrutura presente na UPA 4/2018 é representada pela rede viária florestal, composta pela estrada principal, estradas de acesso com 6 m de largura, estradas secundárias com largura de 4 m e pátios de estocagem com dimensões de 20 m x 25 m, conforme **Tabela 4**.

Tabela 4: Área de infraestrutura na UPA 4/2018.

UT	Tamanho da UT (ha)	Pátios (unid)	Área pátios (ha)	Estrada Principais (Km)	Área (ha)	Estradas Secundárias (Km)	Área (ha)	Infra-estrutura (ha)	APP	Efetivo Manejo
1	49,78	4	0,20	0,82	0,49	1,32	0,53	1,22	4,51	44,05
2	103,94	7	0,35	1,15	0,69	2,63	1,05	2,09	3,98	97,88
3	97,20	7	0,35	-	-	2,78	1,11	1,46	0,00	95,73
4	94,64	7	0,35	0,91	0,55	2,28	0,91	1,81	0,00	92,83
5	106,30	5	0,25	0,81	0,49	2,21	0,88	1,62	6,53	98,16

6	99,44	6	0,30	1,27	0,76	2,38	0,95	2,02	0,00	97,42
7	104,68	8	0,40	-	-	2,59	1,04	1,44	5,15	98,08
8	104,51	8	0,40	-	-	2,42	0,97	1,37	4,70	98,45
9	96,47	6	0,30	-	-	1,72	0,69	0,99	4,83	90,66
10	99,79	4	0,20	-	-	1,21	0,48	0,68	0,00	99,11
11	94,05	7	0,35	-	-	2,42	0,97	1,32	0,79	91,94
12	101,18	7	0,35	0,30	0,18	2,88	1,15	1,68	1,96	97,54
13	95,63	7	0,35	0,11	0,07	2,97	1,19	1,61	13,03	80,99
14	98,44	3	0,15	1,26	0,76	1,46	0,58	1,49	7,20	89,75
15	101,27	5	0,25	2,00	1,20	2,30	0,92	2,37	2,56	96,34
16	96,86	8	0,40	-	-	2,54	1,02	1,42	0,00	95,45
17	100,53	7	0,35	-	-	3,93	1,57	1,92	2,67	95,94
18	107,10	8	0,40	-	-	4,36	1,74	2,14	9,56	95,40
19	110,18	9	0,45	-	-	4,59	1,84	2,29	10,40	97,50
20	30,92	4	0,20	-	-	1,34	0,54	0,74	0,00	30,18
21	95,73	8	0,40	-	-	3,06	1,22	1,62	0,00	94,10
22	105,11	8	0,40	-	-	2,61	1,04	1,44	12,04	91,63
23	99,17	8	0,40	-	-	2,51	1,00	1,40	0,00	97,76
24	119,27	8	0,40	0,54	0,32	2,86	1,14	1,86	19,29	98,11
25	111,72	8	0,40	-	-	3,20	1,28	1,68	15,84	94,20
26	148,31	9	0,45	-	-	4,10	1,64	2,09	28,50	117,72
27	66,95	7	0,35	-	-	2,35	0,94	1,29	12,87	52,80
28	146,25	7	0,35	2,45	1,47	2,31	0,92	2,74	17,93	125,58
29	103,51	8	0,40	0,40	0,24	2,07	0,83	1,47	4,63	97,41
	2888,96	198	9,90	12,02	7,21	75,38	30,15	47,27	188,96	2.652,73

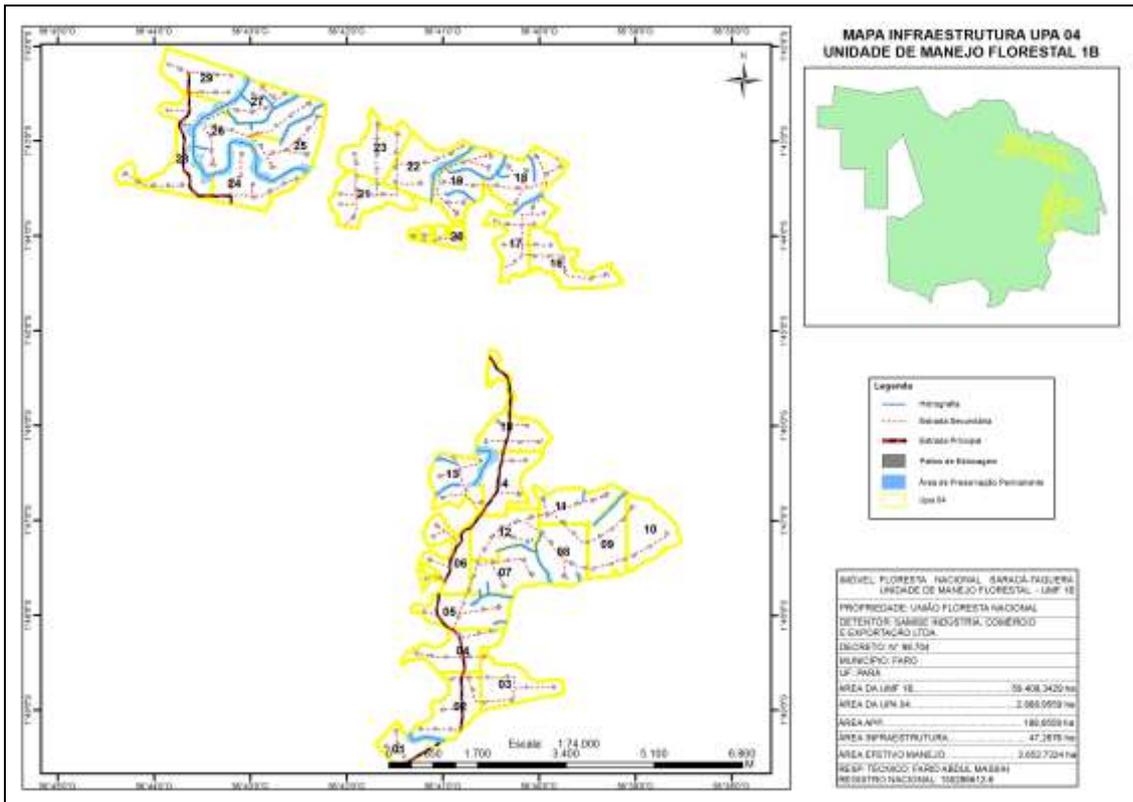


Figura 2: Infraestrutura da UPA 4/2018.

7. PRODUÇÃO FLORESTAL PLANEJADA.

7.1 Especificação do Potencial de Produção por Espécie considerando a Área de Efetiva Exploração Florestal indicando:

O potencial produtivo planejado da referida UPA obedece aos parâmetros legais, disposto no Art. 2º, XV da IN MMA nº 05/2006:

Art. 2º Procedimento que permite estabelecer um equilíbrio entre a intensidade de corte e o tempo necessário para o restabelecimento do volume extraído da floresta, de modo a garantir a produção florestal contínua.

Dessa forma, o potencial produtivo da UPA 4/2018 foi definido a partir do censo florestal, seguido pela determinação das variáveis dendrométricas. E, por conseguinte, realizou-se a seleção de espécies de acordo com a IN MMA nº 05/2006, Decreto Federal 5.975/2006, Anexo I da IN MMA nº 06/2008, IN IBAMA nº 14/2010, Portaria 443/2014 e IN MMA 01/2015.

A partir do censo florestal, o qual permite a qualificação e quantificação das árvores de interesse, a partir de um diâmetro mínimo considerado, realizou-se os cálculos das variáveis dendrométricas, como volume e área basal, de acordo com as seguintes fórmulas:

Volumetria¹ (m³):

$$V = -0,0337 \times \text{DAP}^{2,0045} \times H^{0,8454}$$

Em que:

V (m³) = volume;

DAP (m) = diâmetro à altura do peito (1,30 m);

H (m) = altura comercial

Área basal (m²/ha):

Esta é calculada a partir do somatório das áreas transversais

$$G = \sum_{i=1}^n g_i$$

G = área basal;

gi = área transversal da árvores *i*

n = enésima espécie inventariada.

Após a determinação dos parâmetros dendrométricos, procedeu-se a análise do inventário 100%, em uma área de 2.888,96 ha onde foram levantadas 28.744 árvores com diâmetro à altura do peito (1,30 m do solo) acima de 40 cm. Dessa forma, por meio da distribuição diamétrica das árvores ocorrentes na UPA 4/2018 obteve-se:

Tabela 5: Distribuição Diamétrica das Árvores – UPA 4/2018

CLASSE	CORTE	ESTOQUE	PROTEGIDA	REMANESCENTE	Total Geral
00 05	-	5	-	-	5
05 15	-	8	-	-	8
25 35	-	8	-	-	8
35 45	-	2.119	-	-	2.119
45 55	1.116	4.350	-	1.404	6.870
55 65	3.134	1.993	-	1.581	6.708
65 75	2.576	1.337	-	814	4.727
75 85	1.806	899	1	557	3.263
85 95	965	567	-	365	1.897
95 105	637	297	-	323	1.257
105 115	381	225	-	191	797
115 125	133	120	-	89	342
125 135	130	102	-	106	338
135 145	53	65	-	45	163
145 155	32	29	-	27	88
155 165	17	20	-	27	64
165 175	6	10	-	7	23
175 185	7	10	-	12	29
185 195	9	-	-	12	21
195 -	-	2	-	15	17
Total Geral	11.002	12.166	1	5.575	28.744

A partir dessa planilha obteve-se o gráfico de distribuição para todas as classes e tipos de classificação e verificou-se que a exceção da classe de arvores PROTEGIDAS todas as

demais apresentaram o padrão contínuo e decrescente, do tipo “J” invertido, conforme apresentado no Gráfico 1. Ressalta-se que o menor número de árvores ocorreu na classe 00 |- 05 apresentando 5 árvores.

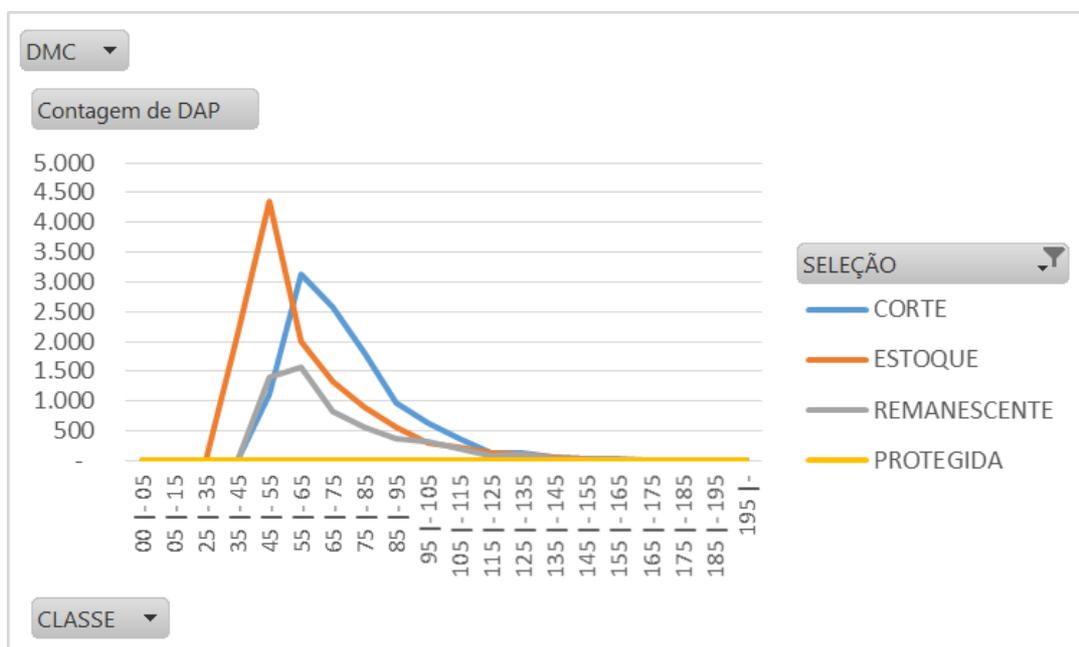


Gráfico 1: Distribuição diamétrica de todas as árvores inventariadas, na UPA 4/2018

A espécie mais abundante foi *Goupia glabra* Aubl. (Cúpiuba) com 2.413 árvores, seguida de *Sarcaulus brasiliensis* Cambess. (Guajara Bolacha), com 2.030 árvores, conforme apresentado na **Tabela 6**.

Tabela 6: Espécies inventariadas na UPA 4/2018, UMF1B, na Flona de Saracá-Taquera, Estado do Pará

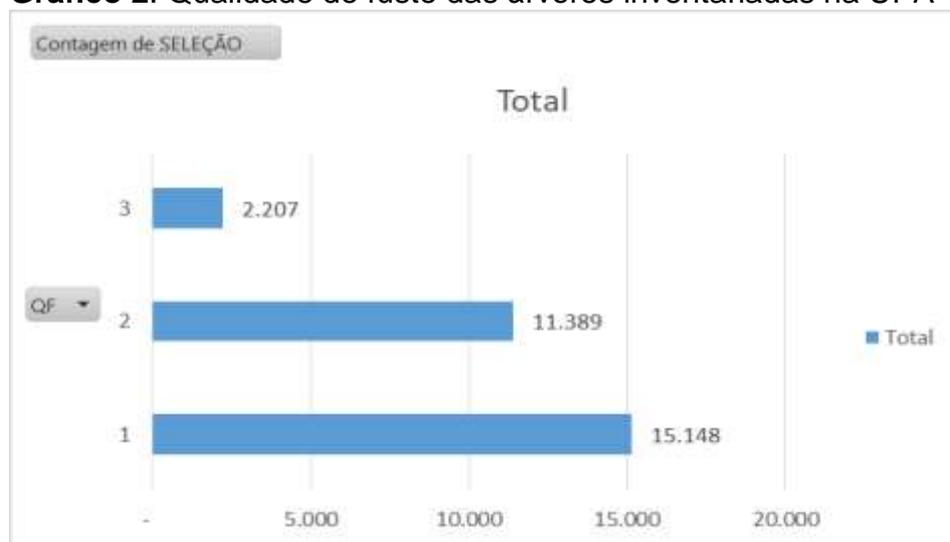
	NOME VULGAR	NOME CIENTIFICO	Arvores	Volume
1	ABIU BRANCO	Pouteria guianensis Aubl.	91	459,28
2	AMAPA	Brosimum potabile	3	7,81
3	AMAPA AMARGOSO	Brosimum guianense	1	4,15
4	AMAPA DOCE	Brosimum parinarioides Ducke subsp.	976	4.091,52
5	AMAPAI	Brosimum lactescens	1	8,55
6	ANGELIM AMARGOSO	Vatairea paraensis Ducke	278	1.104,89
7	ANGELIM PEDRA	Hymenolobium elatum Ducke	1.190	5.550,25
8	ANGELIM RAJADO	Zygia racemosa (Ducke) Barneby &	58	123,24
9	ANGELIM VERMELHO	Dinizia excelsa Ducke	1.226	12.060,56
10	ARARACANGA	Aspidosperma eteanum Markgraf	441	1.519,69
11	BREU	Protium apiculatum	925	4.584,07
12	BREU AMARELO	Protium araguense	1	2,25
13	BREU VERMELHO	Protium decandrum (Aubl.) March	671	2.186,81
14	CAJU	Anacardium microcarpum	231	916,61
15	CAJU AÇU	Anacardium giganteum Hanc. ex Engl.	1.066	4.089,30
16	CASTANHA SAPUCAIA	Lecythis pisonis Cambess	292	1.687,65
17	COPAIBA	Copaifera reticulata	161	538,88
18	CUMARU	Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.	1.528	4.688,13
19	CUMARU VERMELHO	Dipteryx magnifica (Ducke) Ducke	1.182	4.991,41
20	CUPIUBA	Goupia glabra Aubl.	2.413	9.554,08

21	FAVA AMARGOSA	Vatairea sp.	26	120,93
22	FREIJO BRANCO	Cordia exaltata	20	56,85
23	GARAPEIRA	Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr.	29	155,12
24	GOIABAO	Pouteria pachycarpa Pires	28	70,56
25	GUAJARA BOLACHA	Sarcaulus brasiliensis Cambess.	2.030	6.954,94
26	GUAJARA CINZA	Pouteria sp.	73	267,63
27	GUAJARA FERRO	Micropholis venulosa	418	1.386,70
28	GUAJARA GOIABA	Pouteria cospidata robusta	1	6,17
29	GUAJARA PEDRA	Pouteria sp	1	6,60
30	GUAJARA SAPUCAIA	Pouteria venosa amazonica	1	1,57
31	GUAJARA VERMELHO	Pouteria Ramiflora	1	3,55
32	IPE	Tabebuia serratifolia (Vahl) G.Nicholso	130	518,54
33	ITAUBA	Mezilaurus synadra (Mez) Kosterm.	1.096	3.198,90
34	JATOBA	Hymenaea courbaril L.	811	3.918,80
35	JUTAI	Hymenaea reticulata Ducke	3	14,82
36	LOURO	Aiouea brasiliensis	1	2,98
37	LOURO AMARELO	Ocotea cymbarum H.B.K	330	1.141,33
38	LOURO CANELA	Aiouea spp	1	3,26
39	LOURO FAIA	Euplassa pinnata (Lam.) I.M. Johnst	40	214,48
40	LOURO PRETO	Ocotea fragrantissima	583	1.924,76
41	LOURO VERMELHO	Sextonia rubra (Mez) Van der Werf	502	2.315,58
42	MACACAUBA	Platymiscium paraense Huber	40	132,34
43	MACARANDUBA	Manilkara huberi (Ducke) Chevalier	92	356,61
44	MAPARAJUBA	Manilkara bidentata (A.DC) A. Chev	1.382	3.648,50
45	MARUPA	Simarouba amara Aubl.	202	648,84
46	MATAMATA	Eschweilera parviflora	1	1,37
47	MATAMATA JIBOIA	Eschweilera pedicellata	147	354,95
48	MATAMATA VERMELHO	Eschweilera sp.	194	482,37
49	MELANCIEIRO	Alexa grandiflora	498	1.365,90
50	MIRINDIBA	Buchenavia grandis	61	307,29
51	MUIRACATIARA	Astronium lecointei Ducke	409	2.032,96
52	MUIRAPIRANGA	Brosimum rubescens Taub.	948	3.108,36
53	MUIRATINGA	Maquira guianensis	1	5,39
54	OITICICA	Clarisia racemosa Ruiz & Pav.	443	1.825,94
55	ORELHA DE MACACO	Enterolobium schomburgkii (Benth.)	66	251,70
56	PARAPARA	Jacaranda copaia (Aubl) D.Don	1	1,56
57	PAU SANTO	Zollernia paraenses Huber	1	4,89
58	PEQUIA	Caryocar villosum(Aubl.) Pers.	402	2.941,17
59	PEQUIARANA	Caryocar glabrum(Aubl) Pers.	682	5.450,52
60	QUARUBA BOLACHA	Vochysia paraensis	1	2,92
61	QUARUBA CEDRO	Vochysia maxima	5	18,70
62	QUARUBA GOIABA	Vouchysia floribunda Mart	46	193,09
63	QUARUBA ROSA	Vochysia vismiifolia Spruce ex Warm.	15	49,82
64	QUARUBARANA	Erisma uncinatum Warm.	165	897,33
65	QUARUBATINGA	Qualea paraensis Ducke	288	1.433,19
66	ROXINHO	Peltogyne paradoxa Ducke	64	191,29
67	SUCUPIRA AMARELA	Bowdichia nitida	20	71,37
68	SUCUPIRA PELE DE SAPO	Diptotropis racemosa (Hoehne) Ams	130	337,77
69	SUCUPIRA PRETA	Diptotropis purpurea (Rich.) Amshoff	130	393,65
70	TANIBUCA AMARELA	Buchenavia parvifolia Ducke	447	3.087,29
71	TANIBUCA PRETA	Buchenavia huberi Ducke	175	789,86
72	TATAJUBA	Bagassa guianensis Aubl.	16	103,17
73	TAUARI	Couratari sp.	998	8.283,70
74	TAUARI BRANCO	Couratari stellata A.C.Sm.	38	187,40
75	TAUARI CACHIMBO	Cariniana rubra	3	32,90

76	TAUARI VERMELHO	Cariniana micrantha Ducke	113	502,46
77	TIMBORANA	Newtonia suaveolens (Miq.) Brenan.	656	2.774,98
78	UXI	Endopleura uchi (Huber) Cuatrec.	1.003	2.320,73
79	CASTANHEIRA	Bertholletia excelsa	1	5,19
	Total Geral		28.744	125.050,67

Para a qualidade de fuste, verifica-se que 52,70% enquadram-se na classe QF-1, representada por árvores sem defeitos aparentes e com aproveitamento do fuste em 100%, na classe QF-2 foram verificadas 39,62%, sendo que estas apresentam aproveitamento de 80% de seu fuste, já para a classe QF-3 foram verificadas 7,68% das árvores, sendo que estas apresentam aproveitamento de 50% do fuste. Em todas pode haver uso em serraria, mas apenas os itens de classe QF-1 apresentam potencial para processamento de madeira laminada.

Gráfico 2: Qualidade de fuste das árvores inventariadas na UPA 4/2018, UMF 1B.



QF 1 – Árvore bem formada, com fuste retilíneo e aproveitamento de 100% do fuste.

QF 2 – Árvore com alguma tortuosidade, e aproveitamento de 80% do fuste.

QF 3 – Árvore com tortuosidade, e aproveitamento de 50% do fuste.

Para a classificação quanto ao uso, verifica-se que do total espécies inventariadas (79), 72,10% são comerciais, representado por 20.723 árvores. Já as espécies não comerciais dão um total de 27,90%, contemplando o total de 8.021 árvores.

Tabela 7: Número de árvores comerciais por espécie.

USO	NOME CIENTIFICO	CORTE
COMERCIAL	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vog.) Macbr.	29
	<i>Aspidosperma eteanum</i> Markgraf	441
	<i>Astronium lecointei</i> Ducke	409
	<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	16
	<i>Bowdichia nitida</i>	20
	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	948
	<i>Buchenavia huberi</i> Ducke	175
	<i>Buchenavia parvifolia</i> Ducke	447
	<i>Cariniana micrantha</i> Ducke	113
	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	402
	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	443
	<i>Dinizia excelsa</i> Ducke	1.226
	<i>Diptotropis purpurea</i> (Rich.) Amshoff	130
	<i>Diptotropis racemosa</i> (Hoehne) Amshoff	130
	<i>Dipteryx magnifica</i> (Ducke) Ducke	1.182
	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	1.528
	<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.	1.003
	<i>Enterolobium schomburgkii</i> (Benth.) Benth	66
	<i>Euplassa pinnata</i> (Lam.) I.M. Johnst	40
	<i>Goupia glabra</i> Aubl.	2.413
	<i>Hymenaea reticulata</i> Ducke	3
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	811
	<i>Hymenolobium elatum</i> Ducke	1.190
	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess	292
	<i>Manilkara bidentata</i> (A.DC) A. Chev	1.382
	<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) Chevalier	92
	<i>Mezilaurus synadra</i> (Mez) Kosterm.	1.096
	<i>Newtonia suaveolens</i> (Miq.) Brenan.	656
	<i>Ocotea cymbarum</i> H.B.K	330
	<i>Ocotea fragrantissima</i>	583
	<i>Peltogyne paradoxa</i> Ducke	64
	<i>Pouteria pachycarpa</i> Pires	28
	<i>Qualea paraensis</i> Ducke	288
	<i>Sarcaulus brasiliensis</i> Cambess.	2.030
	<i>Sextonia rubra</i> (Mez) Van der Werf	502
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) G.Nicholson	130	
<i>Vatairea</i> sp.	26	
<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & Grimes	58	
<i>Brosimum guianense</i>	1	
Total Geral	20.723	

Desse total de árvores comerciais (inventariadas), apenas 11.002 são destinadas para a colheita florestal. Além disso, 5.574 são remanescentes e 12.166 são para estoque.

Em seguida realizou-se a seleção das espécies, com base na IN MMA 05/2006, excetuando as espécies protegidas de corte que foram encontradas quando da realização do inventário florestal, de acordo com o **Quadro 1**:

Quadro 1: Espécies a serem protegidas de corte, na UPA 4/2018.

Nome Vulgar	Nome Científico	Referência Legal
Castanheira	<i>Bertholetia excelsa</i>	Art.29 do Decreto Federal nº 5.975/2006 e Anexo I da IN MMA nº 06/2008.

A partir destas análises preliminares fez-se a seleção de espécies para a exploração, conforme estabelecido na IN MMA nº05/2006 e NE MMA nº 01/2007.

7.1.1 Nome vulgar e científico

Conforme mencionado no item 7.1, foram identificadas 79 espécies. Entretanto, deste total, 33 espécies foram selecionadas para a exploração (Quadro 2).

Quadro 2: Espécies selecionadas para a produção florestal, na UPA 4/2018.

	NOME VULGAR	NOME CIENTIFICO
1	ANGELIM PEDRA	Hymenolobium elatum Ducke
2	ANGELIM VERMELHO	Dinizia excelsa Ducke
3	ARARACANGA	Aspidosperma eteanum Markgraf
4	CASTANHA SAPUCAIA	Lecythis pisonis Cambess
5	CUMARU	Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.
6	CUMARU VERMELHO	Dipteryx magnifica (Ducke) Ducke
7	CUPIUBA	Goupia glabra Aubl.
8	GARAPEIRA	Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr.
9	GUAJARA BOLACHA	Sarcaulus brasiliensis Cambess.
10	IPE	Tabebuia serratifolia (Vahl) G.Nicholson
11	ITAUBA	Mezilaurus synadra (Mez) Kosterm.
12	JATOBA	Hymenaea courbaril L.
13	LOURO AMARELO	Ocotea cymbarum H.B.K
14	LOURO FAIA	Euplassa pinnata (Lam.) I.M. Johnst
15	LOURO PRETO	Ocotea fragrantissima
16	LOURO VERMELHO	Sextonia rubra (Mez) Van der Werf

17	MACARANDUBA	Manilkara huberi (Ducke) Chevalier
18	MAPARAJUBA	Manilkara bidentata (A.DC) A. Chev
19	MUIRACATIARA	Astronium lecointeiDucke
20	MUIRAPIRANGA	Brosimum rubescensTaub.
21	OITICICA	Clarisia racemosa Ruiz & Pav.
22	ORELHA DE MACACO	Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth
23	PEQUIA	Caryocar villosum(Aubl.) Pers.
24	QUARUBATINGA	Qualea paraensis Ducke
25	ROXINHO	Peltogyne paradoxa Ducke
26	SUCUPIRA PELE DE SAPO	Diploptropis racemosa (Hoehne) Amshoff
27	SUCUPIRA PRETA	Diploptropis purpurea (Rich.) Amshoff
28	TANIBUCA AMARELA	Buchenavia parvifoliaDucke
29	TANIBUCA PRETA	Buchenavia huberi Ducke
30	TATAJUBA	Bagassa guianensis Aubl.
31	TAUARI VERMELHO	Cariniana micrantha Ducke
32	TIMBORANA	Newtonia suaveolens (Miq.) Brenan.
33	UXI	Endopleura uchi (Huber) Cuatrec.

7.1.2 Diâmetro Mínimo de Corte (cm) considerado

O censo florestal foi realizado com DAP \geq 40 cm. E conforme estabelecido pela NE MMA 01/2007, o diâmetro mínimo de medição deverá ser de pelo menos 10 cm menor que o DMC. Todavia, adotou-se um diâmetro mínimo para a colheita florestal, de acordo com a espécie, conforme o **Quadro 3**.

Quadro 3: Diâmetro mínimo de corte para as espécies

Nome Vulgar	Nome Científico	DMC
ANGELIM PEDRA	Hymenolobium elatum Ducke	50
ANGELIM VERMELHO	Dinizia excelsa Ducke	50
ARARACANGA	Aspidosperma eteanum Markgraf	54
CASTANHA SAPUCAIA	Lecythis pisonis Cambess	54
CUMARU	Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.	50
CUMARU VERMELHO	Dipteryx magnifica (Ducke) Ducke	50
CUPIUBA	Goupia glabra Aubl.	50
GARAPEIRA	Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr.	52
GUAJARA BOLACHA	Sarcaulus brasiliensis Cambess.	70
IPE	Tabebuia serratifolia (Vahl) G.Nicholson	51
ITAUBA	Mezilaurus synadra (Mez) Kosterm.	54
JATOBA	Hymenaea courbaril L.	50
LOURO AMARELO	Ocotea cymbarum H.B.K	64
LOURO FAIA	Euplassa pinnata (Lam.) I.M. Johnst	61
LOURO PRETO	Ocotea fragrantissima	54
LOURO VERMELHO	Sextonia rubra (Mez) Van der Werf	54
MACARANDUBA	Manilkara huberi (Ducke) Chevalier	51
MAPARAJUBA	Manilkara bidentata (A.DC) A. Chev	50
MUIRACATIARA	Astronium lecointeiDucke	50
MUIRAPIRANGA	Brosimum rubescensTaub.	54
OITICICA	Clarisia racemosa Ruiz & Pav.	54

ORELHA DE MACACO	Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth	59
PEQUIA	Caryocar villosum(Aubl.) Pers.	70
QUARUBATINGA	Qualea paraensis Ducke	70
ROXINHO	Peltogyne paradoxa Ducke	54
SUCUPIRA PELE DE SAPO	Diploptropis racemosa (Hoehne) Amshoff	50
SUCUPIRA PRETA	Diploptropis purpurea (Rich.) Amshoff	51
TANIBUCA AMARELA	Buchenavia parvifoliaDucke	54
TANIBUCA PRETA	Buchenavia huberi Ducke	54
TATAJUBA	Bagassa guianensis Aubl.	77
TAUARI VERMELHO	Cariniana micrantha Ducke	64
TIMBORANA	Newtonia suaveolens (Miq.) Brenan.	64
UXI	Endopleura uchi (Huber) Cuatrec.	54

7.1.3 Volume e Número de Árvores acima do DMC da Espécie.

O volume total inventariado acima do DMC corresponde a 115.627,55 m³, representado por 23.282 árvores.

7.1.4 Volume e Número de Árvores acima do DMC da Espécie que atendam Critérios de Seleção para Corte

O volume total acima do DMC das árvores que atendem os critérios de corte corresponde a 53.820,71 m³, representado por 11.002 árvores.

7.1.5 Porcentagem do Número de Árvores a serem mantidas na Área de Efetiva Exploração.

Do total de árvores inventariadas 28.744, serão mantidas 61,7% (17.742) das árvores serão mantidas na UPA 4/2018.

7.1.6 Volume e Número de Árvores com Baixa Densidade.

Na UPA 4/2018 identificaram-se 38 espécies que em alguma Unidade de Trabalho apresentaram baixa densidade.

7.1.7 Volume e Número de Árvores Passíveis de serem exploradas.

O volume total das árvores passíveis de serem exploradas corresponde a 26.562,69 m³, representado por 5.575 árvores.

7.1.8 Volume de Resíduos Florestais a serem explorados.

Na UMF 1B não há previsão de exploração de resíduos florestais.

8. PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES NA AMF PARA O ANO DO POA.

8.1 Especificação de todas as atividades previstas para o Ano do POA e respectivo cronograma de execução, com indicação dos equipamentos e equipes a serem empregados, e as respectivas quantidades

8.1.1 Atividades Pré-Exploração Florestal.

8.1.1.1 Demarcação da UPA e subdivisão em UT.

A delimitação da UPA é realizada previamente por meio de análise de imagens de satélite. Em seguida, a equipe de inventário faz o reconhecimento de área para a verificação da viabilidade de acesso e potencial produtivo da área.

Sendo assim, após a definição da área a ser manejada, a equipe de campo faz o microzoneamento, identificando e delimitando as Áreas de Preservação Permanente, com a demarcação a cada 25 metros, com fita vermelha. Após a finalização desta atividade, três equipes compostas por identificadores botânicos, anotadores, plaqueadores e dois ajudantes iniciam o levantamento de árvores, com GPS. Além disso, a demarcação da UPA é feita a cada 250 metros, com piquetes.

A UPA 4/2018 foi subdividida em 29 Unidades de Trabalho, para o melhor controle das operações florestais, com área de aproximadamente 100 ha.

8.1.1.2 Inventário Florestal 100%.

O censo florestal permite o levantamento do potencial produtivo da área, em termos de quantidade e qualidade. Sendo assim, para esta atividade a equipe faz o caminhamento da em faixas de 50 metros de largura, mensurando nas UTs todas as árvores com DAP \geq 40 cm.

As variáveis coletadas correspondem a:

- Circunferência das árvores, com o auxílio de uma trena métrica, e posteriormente converteu-se para diâmetro;
- A altura comercial (HC);
- Projeção em UTM (SIRGAS 2000, Fuso 21 S) de todas as árvores;
- Qualidade do fuste;
- Nome vulgar das árvores;

A identificação das árvores em campo, ocorre por meio de placas de alumínio com o número da UPA, da UT e número da árvore.

As árvores inventariadas receberam uma placa de alumínio com a identificação da UPA, da UT e do respectivo número de árvore. Dessa forma, a lista de espécies inventariadas foi apresentada no **item 7.1** deste documento. E para esta atividade, demandou-se de uma equipe composta por 5 profissionais.

Para a qualidade de fuste, considerou-se 3 classes, conforme especificado abaixo:

i) QF 1: Árvore bem formada, com fuste retilíneo e aproveitamento de 100% do fuste, para madeira serrada ou laminada.

ii) QF 2: Árvore com alguma tortuosidade, e aproveitamento de 80% do fuste para madeira serrada ou laminada.

iii) QF 3: Árvore com tortuosidade, e aproveitamento de 50% do fuste para madeira serrada ou laminada.

8.1.1.3 Corte de Cipós.

O corte de cipós é realizado durante o Inventário Florestal 100%. Dessa forma, foram retirados os cipós de todas as árvores com DAP \geq 50 cm, a uma altura de 1 m do solo. A atividade janeiro a fevereiro de 2018. Dessa forma, a realização desta atividade garante ao trabalhador florestal maior segurança na execução do corte de árvores.

8.1.1.4 Seleção de Espécies.

Na seleção de espécies, o diâmetro mínimo de corte é de 50 cm. Todavia, há variação de DMC para cada espécie, conforme item 6.1.2 Além do mais, destacam-se os seguintes critérios, da legislação vigente:

- **Seleção Corte:** corresponde às árvores destinadas para a exploração, as quais foram selecionadas com DMC maior ou igual a 50 cm, respeitando-se o item 3.4.2 e subitem 2 da NE IBAMA 01/2007, o qual prediz que “o *diâmetro mínimo de medição deve ser de pelo menos 10 cm menor que o diâmetro mínimo de corte da espécie*”. No entanto, conforme acima mencionado houve adoção de DMC para cada espécie. Nesta categoria, selecionaram-se árvores com Qualidade de Fuste 1 (árvore bem formada, com fuste retilíneo e

aproveitamento de 100% do fuste, para madeira serrada e laminada), QF 2 (árvore com alguma tortuosidade e aproveitamento de 80% do fuste para madeira serrada ou laminada) e QF 3 (árvore com alguma tortuosidade e aproveitamento de 50% do fuste para madeira serrada ou laminada).

- **Seleção de Substitutas:** Nesta categoria adotou-se o critério do inciso I do Art. 8 da IN MMA nº 05/2006:

I - Manutenção de pelo menos 10% do número de árvores por espécie, na área de efetiva exploração da UPA, que atendam aos critérios de seleção para corte indicados no PMFS, respeitado o limite mínimo de manutenção de 3 árvores por espécie por 100 ha;

Esta tomada de decisão baseia-se nos seguintes quesitos:

- ✓ A árvore selecionada para a exploração (árvore a explorar) pode ou não ser explorada;
- ✓ As árvores substitutas só poderão ser exploradas, caso alguma árvore destinada para a exploração não seja colhida, adotando, portanto, 1:1;
- ✓ Caso haja substituição de árvores, a árvore destinada para a exploração, e que, portanto, não foi colhida, permanecerá dentro do critério do inciso I, conforme mencionado.
- ✓ As árvores substitutas atendem os mesmos critérios de seleção das árvores a explorar. Todavia, nesta categoria além da QF 1 e 2, foi considerado a QF 3.

Ressalta-se ainda, que para as espécies *Hymenolobium excelsum* (Angeim pedra) e *Apuleia leiocarpa* (Garapeira) foram mantidos 15% ou 4 árvores a cada 100 ha, conforme disposto na **Portaria 443 de Dezembro 2014 do MMA e IN MMA 01 de Fevereiro de 2015**.

- **Seleção de Remanescentes:** Esta categoria abrange as árvores que se enquadram conforme o disposto no Art. 8 da IN MMA nº 05/2006:

II - Manutenção de todas as árvores das espécies cuja abundância de indivíduos com DAP superior ao DMC seja igual ou inferior a 3 árvores por 100 hectares de área de efetiva exploração da UPA

Além disso, esta categoria apresenta árvores com DAP mínimo de 40 cm, e Qualidade de Fuste 1, 2 e 3 (árvores tortuosas, com aproveitamento de 50% do fuste).

Por conseguinte, a categoria remanescente abrange árvores que estão em Área de Preservação Permanente, árvores com presença de ninhos, árvores com copa entrelaçadas por cipós, árvores em área de difícil acesso.

8.1.1.5 Inventário de Fauna.

A concessionária prevê para este ano do POA, a realização do inventário de fauna. No entanto, para esta etapa será elaborada por um profissional da área de ciências biológicas uma metodologia que se adeque à UMF 1B.

8.1.1.6 Parcelas Permanentes.

Na UPA 4/2018 serão instaladas nas Unidades de Trabalho parcelas amostrais com dimensões de 100 m x 100 m. Esta será subdividida em quatro subparcelas de 50 m x 50 m, onde são mensurados todas as árvores com CAP (Circunferência à altura do peito – 1,30m) maior ou igual a 40 cm, assim como a altura comercial. Além disso, na subparcela nº 2 será instalada uma subparcela de 25 m x 25 m, onde serão contados todos os indivíduos de regeneração natural.

Esta etapa enquadra-se como uma atividade pré-exploratória e pós-exploratória, tendo em vista que a concessionária pretende verificar a composição florística antes e após a exploração florestal, como medida comparativa e corretiva para os impactos provocados na floresta, através da exploração florestal, estabelecendo, dessa forma, o monitoramento da floresta.

8.1.1.7 Planejamento e Construção da Rede Viária e de Pátios de Estocagem.

Para a construção da rede viária, a equipe de campo fez um levantamento prévio averiguando a topografia regular do terreno; identificação de possíveis transposições com cursos d'água, e da vegetação de menor porte.

Após estabelecidos estes critérios, a equipe procederá com a abertura de faixas de orientação e alocação de fitas de sinalização, facilitando assim, a visualização do operador. Sendo assim, realiza-se o traçamento e a retirada de árvores que estejam na direção da construção da estrada. As diretrizes e as dimensões para a construção da rede viária foram informadas no item **3.4.6 do PMFS da UMF 1 B.**

Os pátios de estocagem serão construídos ao longo das estradas secundárias, definindo-se uma média de quatro pátios em cada estrada secundária, por UT. Cada pátio possui dimensão de 20 m x 25 m, porém podem variar em quantidade e tamanho de acordo com a topografia do terreno e volume que deverão alocar.

Para a construção dessa infraestrutura, o tratorista realiza o rebaixamento da vegetação da borda para o centro, de acordo com a sinalização de fitas plásticas. A disposição da queda das árvores para o centro, evita danos à vegetação do entorno.

8.1.2 Atividades de Exploração Florestal.

8.1.2.1 Atividade De Corte.

A atividade de corte compreende ao abate de árvores selecionadas para este fim. É nesta etapa onde deve-se garantir a qualidade de fuste, além da correta aplicação das técnicas para minimizar os custos das operações florestais, e dos impactos sobre a vegetação e o solo.

Ressalta-se que esta operação representa riscos ao trabalhador florestal. Dessa forma, serão tomados cuidados para a preservação da segurança e da saúde do trabalhador. Sendo assim, destacam-se algumas medidas para a realização da atividade:

- Uso de EPIs adequados ao trabalho na floresta;
- Retirada da vegetação e de cipós em torno da árvore selecionada;
- Preparo do caminho de fuga;
- Atenção especial aos galhos de árvores vizinhas que podem atingir o operador;
- Afastamento do operador durante a queda da árvore.

Nesta atividade, a equipe será composta por 1 operador de motosserra e 1 ajudante, dispondo do equipamento de corte, a motosserra, conforme as exigências legais (NR 31), sabre reserva, corrente reserva, marreta, cunha, facão, apito, recipiente com combustível, mapa de corte e arraste, trena.

Neste contexto, durante a execução da atividade, o operador florestal atentará para:

a) **Proteção das árvores em Área de Preservação Permanente**

As árvores que estiverem próximas e/ou com direção de queda para as APPs, a árvore não será explorada. Dessa forma, o operador florestal poderá substituí-la na mesma Unidade de Trabalho.

b) **Proteção de árvores Remanescentes e árvores com presença de ninhos**

As árvores selecionadas para a exploração que apresentem direção de queda próximas às árvores remanescentes, serão redirecionadas, mediante avaliação do operador como medida de proteção às remanescentes.

c) **Técnicas de corte direcionado**

Após a localização da árvore a ser explorada, da limpeza da área e da formação das rotas de fuga, o operador iniciará o teste do oco, realizado à altura de 1,20 m do solo, formando um ângulo de 60° da parte inferior da árvore com a motosserra. Em seguida, o operador insere o sabre da motosserra em um ângulo de 90°. Sendo assim, caso a árvore esteja apta a ser explorada, retira-se a placa, que será colocada no toco.

Em seguida, o operador definirá a queda da árvore, analisando as clareiras na floresta, a direção de queda natural, proximidade de áreas de preservação permanente e de árvores remanescentes. Dessa forma, procede-se com o corte fazendo o entalhe direcional a 0°, com 10 a 50 cm do solo para árvores sem sapopemas, onde será cortado 1/3 do diâmetro da árvore. O segundo corte é realizado em um ângulo de 45°.

Após esta etapa, o operador realiza os cortes no sentido contrário ao direcional, nos chamados de filetes de ruptura e em seguida, o operador corta o centro da árvore, passando o sabre, em toda a extensão do toco, deixando apenas o filete de segurança ou de abate. Por conseguinte, este será cortado a uma altura de 8 a 15 cm acima e contrário do corte direcional.

Para as árvores com troncos cilíndricos e com sapopemas serão utilizadas técnicas de corte proposta pelo Instituto Floresta Tropical, registradas no ***Manual Técnico 2 - Manejo de Florestas Naturais da Amazônia: corte, traçamento e segurança.***

Além disso, após a derruba da árvore, marca-se um X o número da mesma no mapa, anotando-se na planilha a data de realização da exploração.

8.1.2.2 *Traçamento do Fuste.*

Nesta etapa será separada a copa dos troncos, e este dividido em unidades menores, facilitando a operação de arraste. Além disso, cada parte receberá uma numeração, possibilitando o posterior rastreamento, conforme a **Figura 3**.

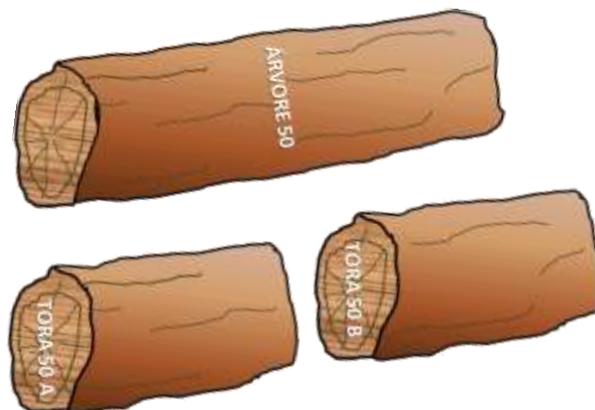


Figura 3: Identificação de toras após o traçamento.

8.1.2.3 *Planejamento do Arraste de Toras.*

Esta etapa consiste em retirar as árvores do local de abate e levar para os pátios de estocagem. Assim, o operador reconhece em campo os caminhos para a abertura dos ramais de arraste (primários e secundários), sinalizando-os com fitas plásticas, facilitando o percurso do operador do trator florestal.

Nesta fase de planejamento, recomenda-se que os ramais não sejam traçados próximos aos cursos de água, que sejam construídos sobre a vegetação de pequeno porte, e com o mínimo de curvas, de preferência em caminhos com menos resistências, para facilitar a passagem do trator.

Assim, os caminhos serão plotados nos mapas, para melhor visualização dos operadores florestais. Além do mais, este planejamento visa a diminuição dos impactos sobre a floresta e sobre o solo, os quais poderão ser avaliados, posteriormente no Estudo sobre a Avaliação de Danos, como atividade pós-exploratória, descrita no **item 8.1.3.1**, deste documento.

8.1.2.4 Empilhamento e Romaneio.

Após a chegada da madeira nos pátios de estocagem, estas são mensuradas (comprimento e circunferência), com o auxílio de uma trena métrica. A circunferência considerada será o resultado da média, das medições das duas extremidades da tora. Para as toras que apresentem oco em toda a extensão, estes terão o seu diâmetro e o comprimento mensurado.

Destaca-se que desde a realização do inventário até esta etapa do romaneio junto com digitação final dos dados, tem-se o controle da origem da madeira, perfazendo assim a cadeia de custódia.

Nesta área de concessão florestal será utilizado o Sistema de Cadeia de Custódia, para que haja o rastreamento dos produtos florestais, de acordo com o **Art. 2º da Resolução SFB nº 06/2010.**

E este sistema será integrado ao Sistema de Monitoramento e Rastreamento de Veículos de Transporte de Produtos Florestais – SMR, **Art. 9º da Resolução SFB nº 06/2010.** Sendo assim, os procedimentos de rastreabilidade da madeira foram descritos no **item 3.5.4 do PMFS da UMF 1 B.**

8.1.2.5 Transporte

Carregamento

Após a etapa de arraste, as toras são colocadas na carreta através da carregadeira com garra, para levar as toras da floresta até o porto de embarque. Para isso, as toras serão dispostas no sentido longitudinal do veículo, organizadas no sentido piramidal. Além disso, os cabos utilizados são de aço, respeitando a **Resolução CONTRAN nº 246/2007.**

Para esta atividade, os trajetos serão sinalizados, facilitando a visão e identificação dos locais pelo motorista. Além disso, não será permitida a circulação de pessoas que não estejam envolvidas nesta etapa, e com os EPIs adequados.

Ressalta-se ainda, que os veículos que serão utilizados no transporte dos produtos florestais serão cadastrados no Sistema de Monitoramento e Rastreamento, o qual é operacionalizado pelo Serviço Florestal Brasileiro, permitindo assim, maior controle sobre o transporte das toras até a primeira unidade de processamento, conforme estabelecido pela

Norma de Execução SFB nº 01/2010.

Descarregamento

O Descarregamento ocorrerá após a chegada da carreta no pátio intermediário, onde as toras serão retiradas com o auxílio da carregadeira com garra, e alocadas na balsa para o transporte fluvial.

Documentos de Transporte

O transporte dos produtos florestais ocorrerá com o Documento de Origem Florestal, contendo informações das espécies a serem transportadas, com o respectivo volume e valor (R\$), emitido através do órgão licenciador pertencente ao SISNAMA (IBAMA). Este documento está previsto nos seguintes instrumentos legais:

- Portaria MMA nº 252/2006;
- Art. 36 da Lei 12.651/2012;
- Art. 1 da IN IBAMA nº 21/2013;
- Art. 22 da IN MMA 05/2006.

Além deste documento, o transporte será acompanhado da Nota Fiscal Eletrônica (DANFE) e do Documento de Controle do Sistema de Cadeia de Custódia (SFB).

8.1.3 Atividades Pós – Exploratórias.

8.1.3.1 Avaliação de Danos e Desperdício.

Este estudo permitirá a avaliação do planejamento das atividades e da execução destas em um período de seis meses a um ano após a exploração florestal, na UPA 4/2018.

O levantamento da avaliação de danos ocorrerá em todas as Unidades de Trabalho da UPA explorada, possibilitando uma amostragem representativa desta área. Dessa forma, serão avaliadas todas as atividades que geram impacto a floresta, a saber: construção de estradas e pátios, derrubada de árvores e abertura de ramais de arraste.

A amostragem corresponderá a 12,5% da área das UTs. Sendo assim, esta será subdividida em quadrantes que serão sorteados, de acordo com a **Figura 4**.

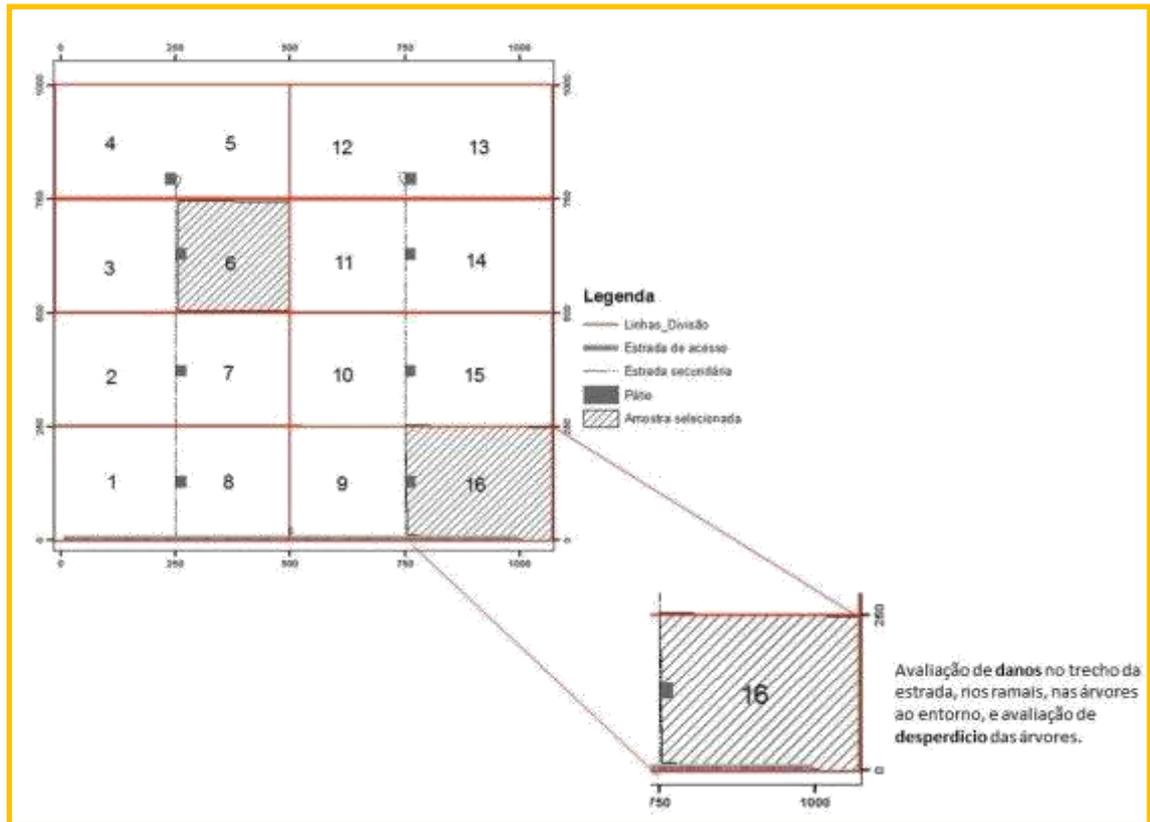


Figura 4: Ilustração do esquema de divisão da UT para sorteio de amostras.

Estradas secundárias

Os danos nas estradas secundárias serão avaliados a partir do levantamento da largura e da profundidade da área aberta para a construção da estrada. As medições serão realizadas a partir do ponto inicial 0 (zero). Em seguida a 150 m e a 100 m a partir desse último ponto ao longo da extensão das estradas, na área da amostra sorteada.

De forma a complementar a avaliação, a estrada secundária deverá ser percorrida com o GPS, para que se tenha o trajeto final, seu comprimento e área a de abertura desta após sua construção.

Além disso, para a identificação dos pontos de medição desta infraestrutura, serão colocadas placas, confeccionadas em material de alumínio no tamanho de 30 cm x 30 cm. E serão alocadas nos pontos de medição acima mencionados.

Ramais de Arraste

Os ramais de arraste serão avaliados na área da amostra sorteada. E podem ser divididos em ramais primários, secundários e terciários. Sendo assim, estes ramais serão medidos principais de arraste serão avaliados em sua extensão com medições no **ponto inicial (zero), no meio e no fim do ramal de arraste.**

Destaca-se ainda que este tipo de infraestrutura apresenta comprimentos variáveis, por isso, não houve definição de distâncias mínimas para o levantamento das variáveis **largura e profundidade.**

Entretanto, nesta área da amostra sorteada, todos os ramais deverão ser percorridos com GPS, para que se tenha o real trajeto realizado pelo maquinário durante a atividade de arraste, o seu comprimento e área de abertura causada por este.

Por conseguinte, a equipe de campo após chegar até o local, deverá inicialmente decidir o primeiro lado que será mensurado (Lado direito ou esquerdo). No entanto, ressalta-se que caso o mapa base (mapa de corte), apresente ramais de arraste nos dois lados, estes deverão ser mensurados. Sendo assim, será colocada uma placa de identificação, utilizando a seguinte codificação:

LADO DO RAMAL	
LD	Lado direito
LE	Lado esquerdo
TIPOS DE RAMAIS	CÓDIGO
Primário	1
Secundário	2
Terciário	3
PONTOS DE MEDIÇÃO NOS RAMAIS	CÓDIGO
Ponto Inicial	0
Ponto Médio	1
Ponto Final	2

Dessa forma, a placa de identificação, confeccionada em material de alumínio receberá a codificação abaixo representada, e será colocada com prego galvanizado no piquete em cada ponto de medição nos diferentes tipos de ramais.

LD R2 01 PO

Em que:

LD: Lado Direito

R2: Ramal secundário

01: Número do ramal Secundário

P0: Ponto inicial de medição.

Nos ramais secundários serão medidas todas as clareiras dos pontos de coleta das árvores será coletado, para isso serão feitas duas medições de diâmetro em forma de cruz. O objetivo é calcular posteriormente a média da abertura de clareiras causadas pela derrubada e pela manobra da máquina.

Pátios

Nas amostras sorteadas será realizado o levantamento das dimensões do pátio, tais como o **comprimento nos 4 (quatro) lados** e a profundidade medida em cada ponto, conforme a **Figura 5**.

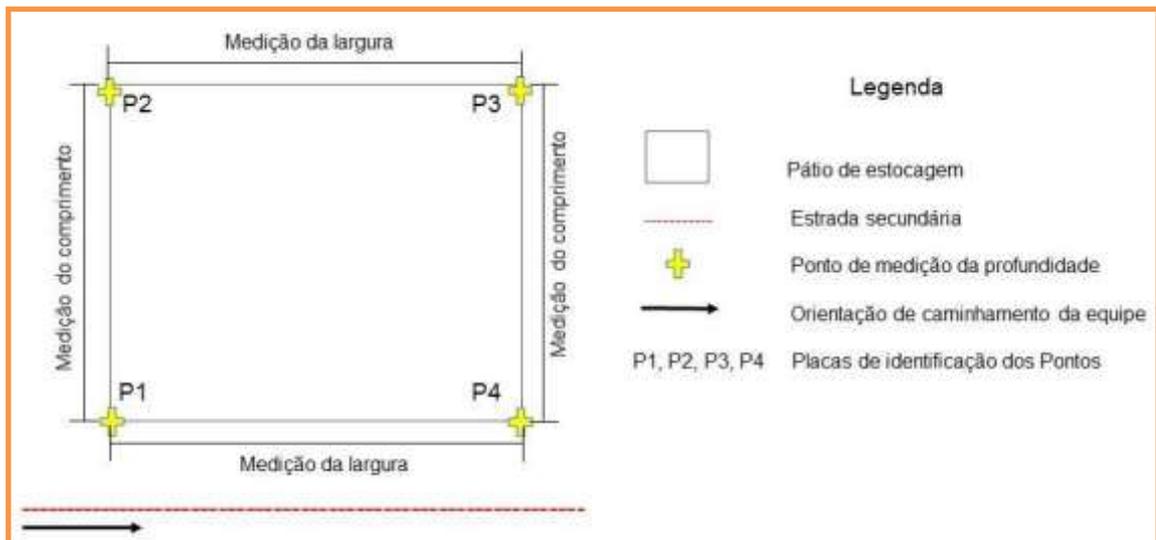


Figura 5: Orientação para medição das dimensões e profundidade do pátio de estocagem.

Sendo assim, nos pontos das extremidades do pátio serão colocadas placas de alumínio, para a identificação dos mesmos, conforme apresentado abaixo:



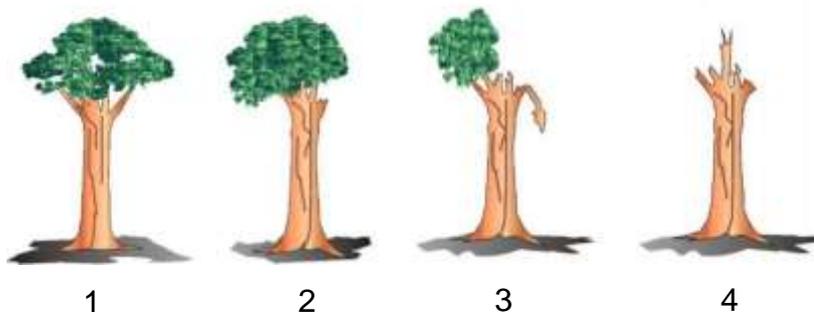
Árvores

Na área da amostra sorteada, a partir do pátio de estocagem serão avaliadas todas as

árvores com DAP \geq 45 cm que foram levantadas durante a realização do IF 100% da UPA correspondente, e que estiverem dentro do **raio de 30 metros**.

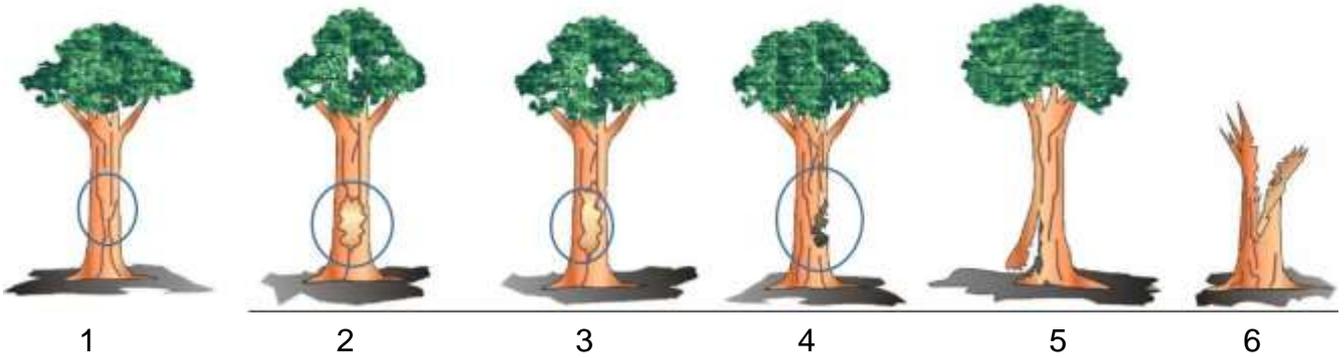
Assim, os danos identificados serão classificados quanto à área da lesão e sua intensidade. Dessa forma, este levantamento compreende apenas a uma avaliação qualitativa das árvores remanescentes.

Danos à Copa



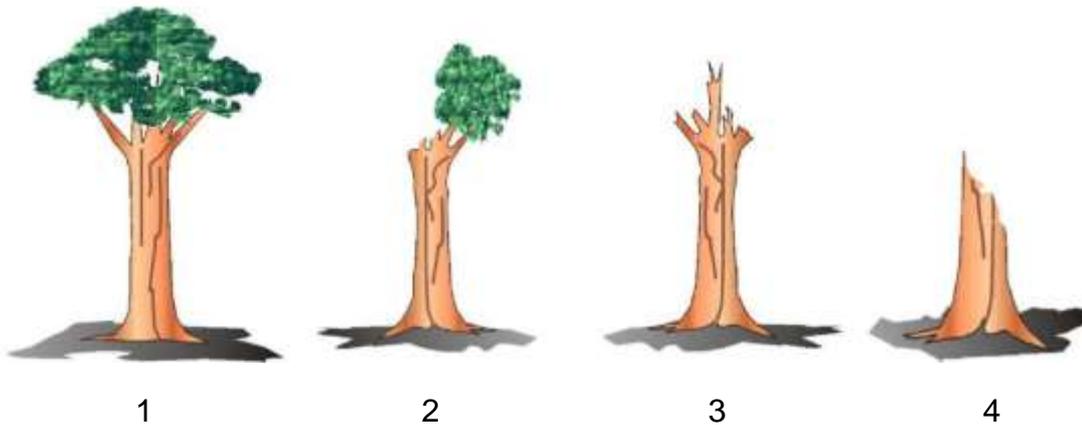
CÓDIGO	INTENSIDADE DE DANOS À COPA
1	Sem dano
2	Danos leves < 1/3 da copa danificada
3	Danos médios < 1/3 da copa danificada
4	Danos severos sem copa

Danos ao Fuste



CÓDIGO	INTENSIDADE DE DANOS NO FUSTE
1	Sem danos
2	Dano leve, só na casca < 1500 cm ²
3	Dano leve, só na casca > 1500 cm ²
4	Dano médio, afetou o lenho < 1500 cm ²
5	Dano severo, fuste lascado
6	Dano irreversível, árvore quebrada

Avaliação da saúde da árvore



CÓDIGO	GRAU DE SANIDADE
1	Sadia sem danos no fuste e na copa
2	Árvores em recuperação
3	Árvores sem sinal de recuperação
4	Árvore morrendo (degeneração)

Causas de danos

As causas para cada dano nas árvores remanescentes, devem ser especificadas na ficha de campo, durante o levantamento, conforme o quadro abaixo.

CAUSAS DE DANOS	CÓDIGO
Construção de Estradas	1
Construção de Pátio	2
Exploração Florestal	3
Atividade de Arraste	4
Outros / Desconhecidos	5

A avaliação de desperdício das árvores será verificada na mesma área selecionada para a avaliação de danos às árvores. No entanto, esta será com base nas atividades de corte, traçamento, planejamento do arraste e operação no pátio. Sendo assim, a amostragem para esta avaliação, compreende ao levantamento de todos os tocos de árvores exploradas, que estiverem no mapa de corte.

Dessa forma, para a operação de corte, serão avaliadas todas as árvores exploradas, na área selecionada, conforme o acima descrito. Assim, serão mensurados, a altura do corte, a altura do desperdício, e o diâmetro do toco.

Além disso, será avaliado o desperdício na tora, especificando o tipo de tora (sapopema, tortuosa, tora rachada, tora ocada), o comprimento e o diâmetro da tora, o comprimento e diâmetro do desperdício.

Para o cálculo do volume do desperdício de toras será utilizada a seguinte fórmula:

$$V_1 = \frac{(D_1^2 \times \frac{\pi}{4}) + (D_1'^2 \times \frac{\pi}{4})}{2} \times L_1$$

Em que,

Vt: Volume total da seção em m³;

V1: Volume de cada seção m³;

D1: Diâmetro externo das seções (obtidos a partir da média dos diâmetros na seção - em cruz);

D1': Diâmetros internos das seções (obtidos a partir da média dos diâmetros na seção - em cruz;

L1: Comprimento da seção em (m).

Para o cálculo do volume do desperdício de tocos será utilizada a seguinte fórmula:

$$\text{Vols(m}^3\text{)} = \frac{\pi D^2}{4} \times \text{Comprimento}$$

Em que,

Vols: volume (m³)

D: diâmetro do toco (m)

Comprimento: altura do toco (m)

8.1.3.2 *Monitoramento e Crescimento da Floresta*

O inventário contínuo nesta UPA, ocorrerá conforme metodologia descrita no **item 8.1.1.6** (Parcelas Permanentes) deste documento. No entanto, em complementação informa-se que a instalação e a primeira medição ocorrerão um mês antes da atividade de exploração florestal, e remedição ocorrerá, um ano após a exploração, dois anos após a exploração e depois de cinco em cinco anos, conforme cronograma abaixo:

Quadro 4: Cronograma de Execução do Inventário Contínuo, na UPA 4/2018.

ANO	UPA
2018	Remedição das Parcelas Permanentes
2019	Remedição das Parcelas Permanentes
2022	Remedição das Parcelas Permanentes

8.1.3.3 *Tratamentos Silviculturais*

Os tratamentos silviculturais são intervenções, visando melhorar ou manter a produtividade ou valor silvicultural da floresta. Dessa forma, na UPA 4/2018 serão aplicados os tratamentos apresentados abaixo. No entanto, ressalta-se que as metodologias serão desenvolvidas para a adequação à UMF 1B.

- ✚ Enriquecimento de clareiras abertas em função da exploração florestal;
- ✚ Corte de cipós, visando minimizar a deformação de indivíduos jovens;

8.1.3.4 *Manutenção de Infra-Estrutura*

Após a finalização das atividades exploratórias, a concessionária realizará a manutenção da infraestrutura permanente, como estradas primárias, estradas de acesso, bueiros, dentre outros. Para regularização das estradas será utilizada cascalheira de uma área de empréstimo, na UMF 1 B, conforme mencionado no **item 8.1.1.7**, permitindo assim, o tráfego durante o ano todo, e viabilize a realização das atividades pós-exploratórias.

9. ATIVIDADES COMPLEMENTARES.

9.1 Coleta de Dados para ajuste de Equações.

No ano de execução deste plano há previsão para a coleta de dados para ajuste de equações, tendo em vista que a equação de volume para a área foi desenvolvida, conforme especificado no **item 7.1**.

9.1.1 Equação de Quantificação de Resíduos

A partir desse POA será realizado a coleta de informações para a geração de equação de volume com vistas a quantificação dos resíduos florestais, tendo como base, as árvores a exploradas, em concordância a resolução CONAMA 406/2009.

9.2 Avaliação de Danos e outros Estudos Técnicos.

Na UPA 4/2018 será realizada avaliação de danos conforme metodologia especificada no **item 8.1.3.1**.

9.3 Treinamentos-Ações de melhoria da logística e Segurança do Trabalho

Na UMF 1B serão realizados treinamentos dos colaboradores da Concessionária Samise Florestal quanto às atividades de operação florestal, bem como de saúde e segurança no trabalho.

9.3.1 Equipamento de Proteção Individual.

O uso de EPI é imprescindível para a garantia da segurança do operador florestal. Sendo assim, a Concessionária fornecerá todos os equipamentos aos trabalhadores, conforme o Art. 166 da Lei nº 6.514, de 22 de dezembro de 1977 e NR 31.

	<p>Capacete florestal com tela protetora contra os resíduos de madeira, que entrem em contato com a face do motosserrista, além do protetor auricular.</p>
	<p>Capacete florestal para os colaboradores auxiliares.</p>
	<p>Luva de couro para a proteção das mãos dos trabalhadores contra possíveis lesões.</p>
	<p>Luvas de pano para os colaboradores auxiliares para proteção das mãos.</p>
	<p>Óculos para proteção visual.</p>

	<p>Bota de couro, anti-derrapante para a proteção dos pés.</p>
	<p>Bota de couro, anti-derrapante com bico de aço para a proteção dos pés.</p>
	<p>Perneira para a proteção da região dos membros inferiores, principalmente na região da tíbia e da fíbula e dos músculos gastrocnêmio e sóleo, contra possíveis acidentes de animais peçonhentos e outros equipamentos que possam entrar em contato com esta região.</p>
	<p>Calça de poliéster, com várias camadas de fibras para proteção dos membros inferiores.</p>

Figura 6: Equipamentos de Proteção Individual para os trabalhadores florestais.

9.3.2 Apoio às Equipes de Trabalho.

As equipes de trabalho disporão de um veículo para a locomoção dos trabalhadores, da área de vivência até o local de trabalho. Além do mais, em caso de emergência haverá transporte de apoio para deslocar o trabalhador até à Unidade de Saúde mais próxima do local.

9.3.3 Medidas Preventivas

A concessionária adotará algumas medidas preventivas de acidentes e de prejuízos à saúde do trabalhador decorrentes da atividade florestal. Dessa forma a empresa implantará um programa de saúde e segurança no trabalho, o qual informará sobre os treinamentos de segurança para as equipes florestais. Sendo assim, são apresentadas algumas medidas preventivas:

- Uso de EPIs;
- Sinalização através de placas;
- Registros de ocorrências, Diálogo Diário de Segurança, e outros;
- Carga horária de trabalho não superior ao permitido;
- Uso de equipamentos com sistema anti-vibração e amortecedores;
- Não exceder a capacidade de peso a ser carregado pelos operadores;
- Realizar paradas regulares, para evitar lesões ocasionadas por esforço repetitivo;
- Acondicionamento correto e higiene do alimento dos trabalhadores, evitando possíveis contaminações e doenças.

Além disso, quando um funcionário for admitido pela empresa, receberá as instruções de segurança no trabalho, e os equipamentos de proteção individual e participação nas palestras e treinamentos periódicos que serão realizados na UMF 1B.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS et al. **Diretrizes para avaliação de resíduos de exploração florestal na Amazônia brasileira, utilizando o “método das Linhas interceptadoras**. Brasília, DF, 2009.

NOGUEIRA, M. M.; VIEIRA, V.; SOUZA, A. de; LENTINI, M. W. Manual técnico 2. **Manejo de Florestas Naturais da Amazônia: corte, traçamento e segurança**. 144f. Belém-PA, 2011.

BODEGOM, A.J & GRAFF, N.R. **Sistema CELOS de manejo: Manual preliminar**. IKC/NBLF/LNV/, Wageningen Agricultural University. Netherlands. 1994. 54p.

FFT (FUNDAÇÃO FLORESTA TROPICAL). **Manual de procedimentos técnicos para condução de manejo florestal e exploração de impacto reduzido**. Versão 3.1. Belém: IFT, 1999.

GRACIALDA DA COSTA FERREIRA. **Diretrizes para coleta, herborização, e identificação de material botânico nas parcelas permanentes em florestas naturais da Amazônia brasileira**. Manaus, AM, 2006.

OIT. **Cartilha sobre o Trabalho Florestal**. Organização Internacional do Trabalho. Brasília – DF. 2009.

PÉLLICO NETO, S.; BRENA, D. A. **Inventário florestal**. Curitiba, 1997. 316 p.

PIRES-O'BRIEN, M.J. & O'BRIEN, C.M. **Ecologia e modelamento de florestas tropicais**. Belém, FCAP. Serviço de documentação e informação, 400 p. 1995.

RADAM. **Levantamento de recursos naturais**. Ministério das Minas e energia, Departamento Nacional de Produção Mineral. Brasília. 1974.

SABOGAL, C.; POKORNY, B.; SILVA, J. N. M.; CARVALHO, J. O. P. de.; ZWEEDE, J.;

PUERTA, R. **Diretrizes Técnicas de Manejo para Produção Madeireira Mecanizada em Florestas de Terra Firme na Amazônia Brasileira**. Embrapa Amazônia Oriental. Belém, PA. 2009.

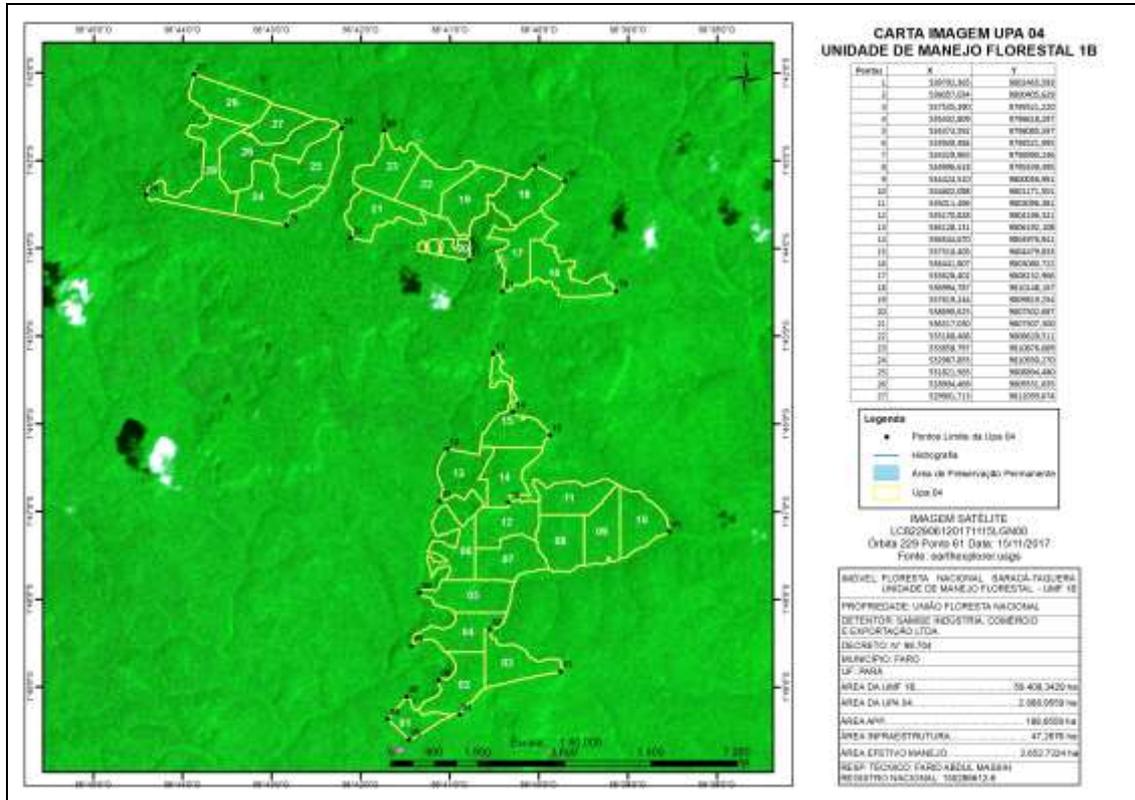
SILVA, J.N.M.; LOPES, J.do C.A.; OLIVEIRA, L.C. de.; SILVA, S.M.A. da.; CARVALHO, J.O.P.

de.; COSTA, D.H.M.; TAVARES, M.J.M. **Diretrizes Simplificadas para Instalação e Medição de Parcelas Permanentes em Florestas Naturais da Amazônia Brasileira**, Manaus, AM, 2004.

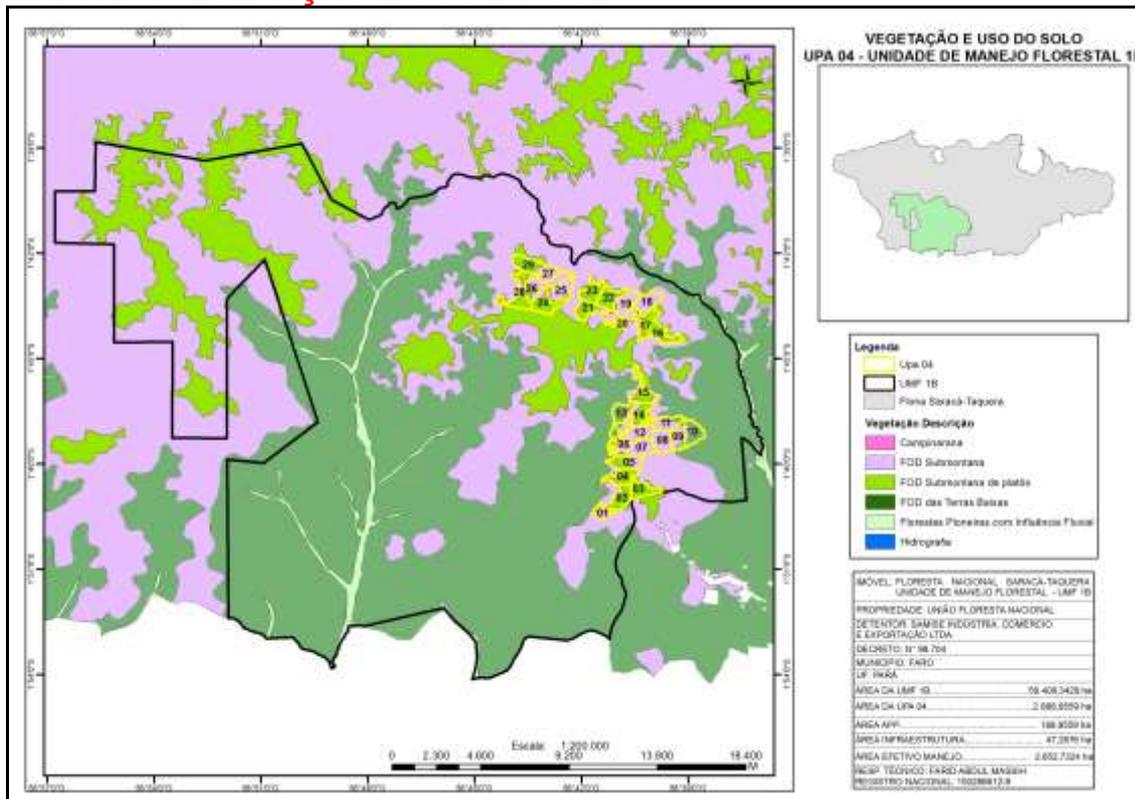
12. ANEXOS

12.1 Mapas Florestais

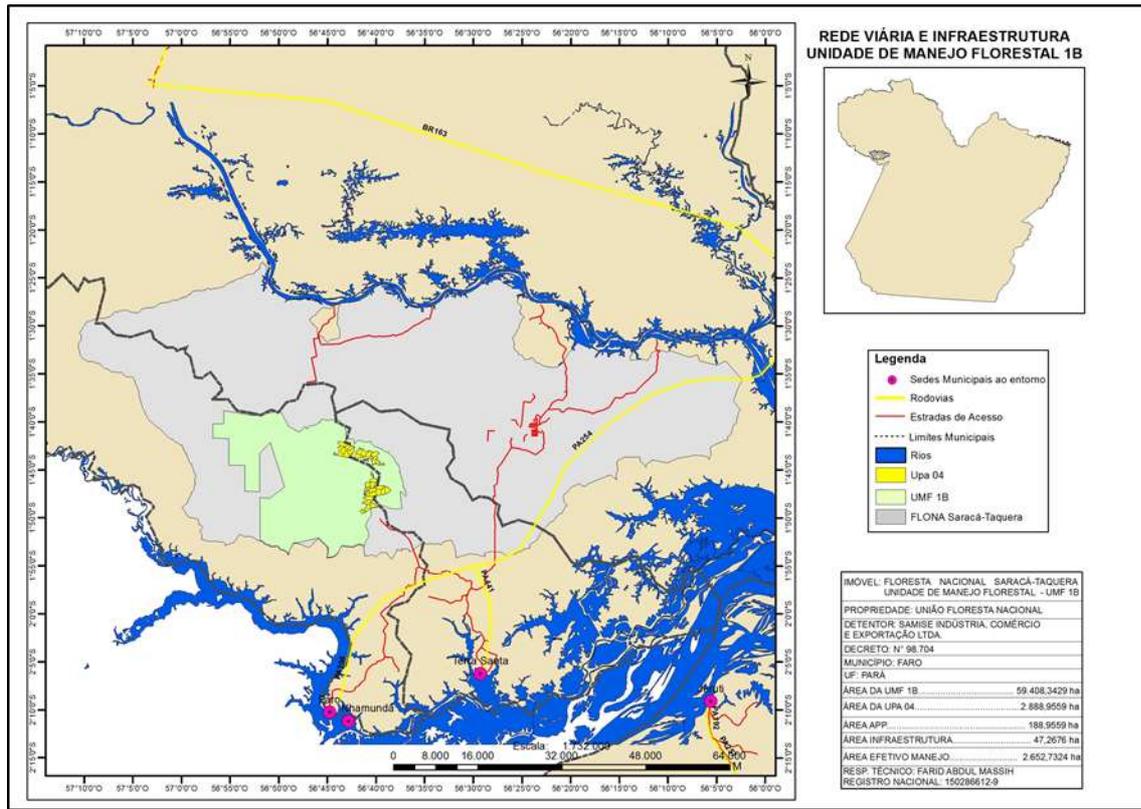
CARTA IMAGEM DA UPA



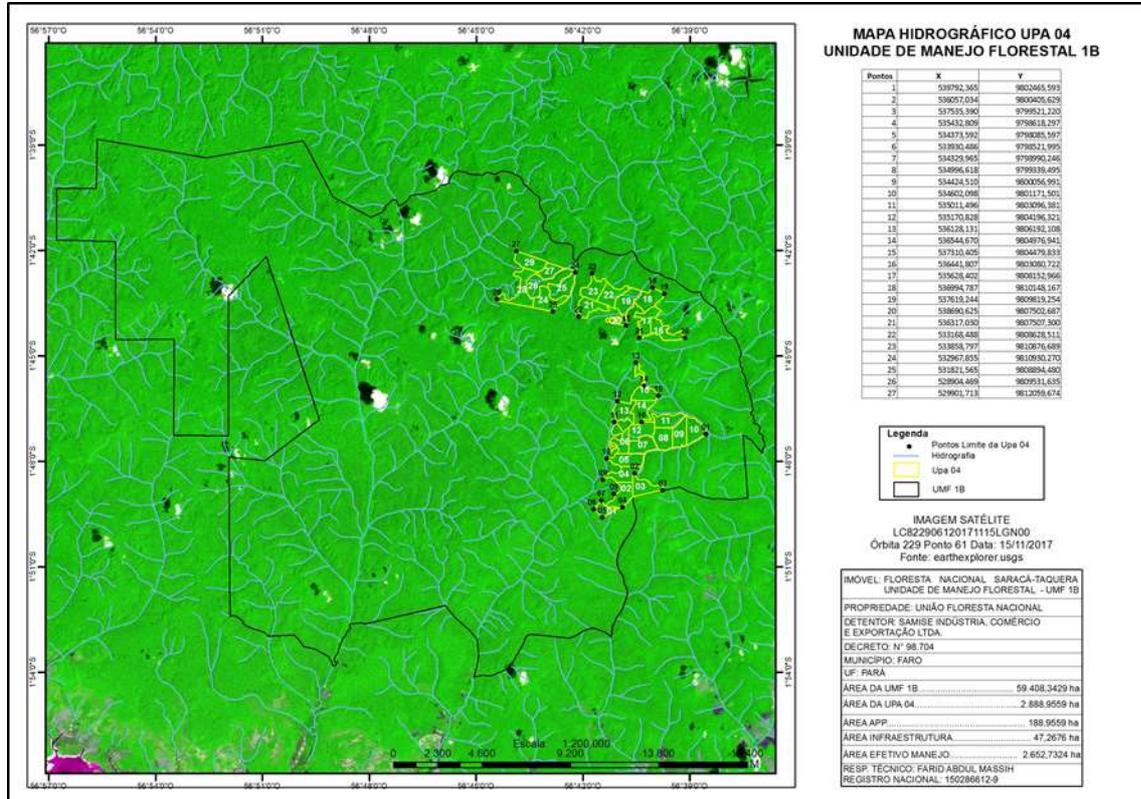
MAPA DA VEGETAÇÃO E USO DO SOLO

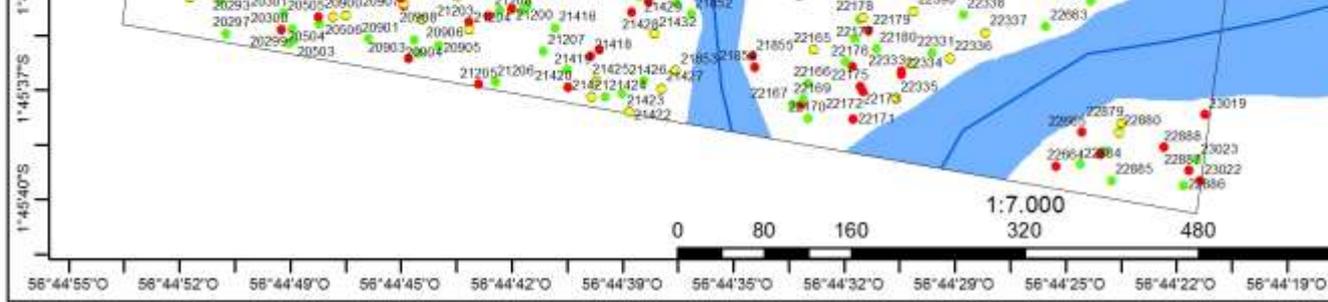


MAPA DA REDE VIÁRIA E INFRAESTRUTURA



MAPA DE HIDROGRAFIA





MAPA DA UT 2

MAPA DA UT 3

MAPA DA UT 4

MAPA DA UT 5

MAPA DA UT 6

MAPA DA UT 7

MAPA DA UT 8

MAPA DA UT 9

MAPA DA UT 10

MAPA DA UT 11

MAPA DA UT 12

MAPA DA UT 13

MAPA DA UT 14

MAPA DA UT 15

MAPA DA UT 16

MAPA DA UT 17

MAPA DA UT 18

MAPA DA UT 19

MAPA DA UT 20

MAPA DA UT 21

MAPA DA UT 22

MAPA DA UT 23

MAPA DA UT 24

MAPA DA UT 25

MAPA DA UT 26

MAPA DA UT 27

MAPA DA UT 28

MAPA DA UT 29

12.3 Resultados do IF 100%

Tabela 8: Resumo do IF 100% da UPA 4/2018.

NOME VULGAR	NOME CIENTIFICO	QF	Valores	CORTE	ESTOQUE	PROTEGIDA	REMANESCENTE	Total Geral
ABIU BRANCO	Pouteria guianensis Aubl.	1	N		66,00			66,00
			G		27,38			27,38
			V		327,55			327,55
		2	N		24,00			24,00
			G		10,42			10,42
			V		125,95			125,95
		3	N				1,00	1,00
			G				0,45	0,45
			V				5,77	5,77
AMAPA	Brosimum potabile	1	N		1,00			1,00
			G		0,21			0,21
			V		2,62			2,62
		2	N		2,00			2,00
			G		0,59			0,59
			V		5,19			5,19
		3	N					
			G					
			V					
AMAPA AMARGOSO	Brosimum guianense	1	N					
			G					
			V					
		2	N					
			G					
			V					
		3	N			1,00		1,00
			G					
			V					

			G		0,36			0,36
			V		4,15			4,15
AMAPA DOCE	<i>Brosimum parinarioides</i> Ducke subsp. <i>parinarioides</i>	1	N		729,00			729,00
			G		266,74			266,74
			V		3.106,86			3.106,86
		2	N		229,00			229,00
			G		80,24			80,24
			V		898,68			898,68
		3	N				18,00	18,00
			G				8,39	8,39
			V				85,98	85,98
AMAPAI	<i>Brosimum lactescens</i>	1	N					
			G					
			V					
		2	N		1,00			1,00
			G		0,74			0,74
			V		8,55			8,55
		3	N					
			G					
			V					
ANGELIM AMARGOSO	<i>Vatairea paraensis</i> Ducke	1	N		148,00			148,00
			G		49,43			49,43
			V		614,01			614,01
		2	N		121,00			121,00
			G		38,37			38,37
			V		457,31			457,31
		3	N		3,00		6,00	9,00
			G		0,55		2,44	2,99
			V		5,79		27,78	33,57
ANGELIM PEDRA	<i>Hymenolobium elatum</i> Ducke	1	N	741,00	93,00		103,00	937,00
			G	305,01	15,45		81,36	401,82

			V	3.472,70	164,06		879,17	4.515,93
		2	N	170,00	48,00		33,00	251,00
			G	66,82	8,23		24,91	99,96
			V	714,04	77,43		239,44	1.030,90
		3	N		1,00		1,00	2,00
			G		0,17		0,20	0,38
			V		1,19		2,23	3,41
ANGELIM RAJADO	Zygia racemosa (Ducke) Barneby & Grimes	1	N		18,00		1,00	19,00
			G		3,49		0,20	3,69
			V		41,01		2,30	43,31
		2	N		34,00		3,00	37,00
			G		6,45		0,73	7,18
			V		66,56		8,48	75,04
		3	N		2,00			2,00
			G		0,52			0,52
			V		4,89			4,89
ANGELIM VERMELHO	Dinizia excelsa Ducke	1	N	346,00	7,00		16,00	369,00
			G	246,85	1,09		24,35	272,28
			V	2.803,14	11,82		290,64	3.105,59
		2	N	699,00	9,00		39,00	747,00
			G	623,53	1,45		80,88	705,85
			V	6.691,59	13,33		887,16	7.592,09
		3	N				110,00	110,00
			G				138,75	138,75
			V				1.362,87	1.362,87
ARARACANGA	Aspidosperma eteanum Markgraf	1	N	145,00	112,00		65,00	322,00
			G	48,64	18,63		16,22	83,49
			V	651,14	231,84		213,96	1.096,93
		2	N	51,00	45,00		19,00	115,00
			G	18,71	7,93		6,29	32,93
			V	240,62	96,70		76,07	413,39

		3	N		2,00		2,00	4,00
			G		0,37		0,53	0,90
			V		2,79		6,57	9,36
BREU	Protium apiculatum	1	N		402,00			402,00
			G		155,99			155,99
			V		1.811,81			1.811,81
		2	N		441,00			441,00
			G		210,03			210,03
			V		2.264,81			2.264,81
		3	N		3,00		79,00	82,00
			G		0,51		46,27	46,79
			V		4,12		503,33	507,45
BREU AMARELO	Protium araguense	1	N		1,00			1,00
			G		0,17			0,17
			V		2,25			2,25
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					
			V					
BREU VERMELHO	Protium decandrum (Aubl.) March	1	N		290,00			290,00
			G		82,79			82,79
			V		931,33			931,33
		2	N		332,00			332,00
			G		98,81			98,81
			V		1.085,30			1.085,30
		3	N		4,00		45,00	49,00
			G		0,69		14,24	14,93
			V		7,42		162,77	170,18
CAJU	Anacardium microcarpum	1	N		125,00			125,00

			G		37,68			37,68
			V		423,03			423,03
		2	N		98,00			98,00
			G		38,39			38,39
			V		447,64			447,64
		3	N				8,00	8,00
			G				3,78	3,78
			V				45,94	45,94
CAJU AÇU	Anacardium giganteum Hanc. ex Engl.	1	N		800,00			800,00
			G		264,77			264,77
			V		2.977,59			2.977,59
		2	N		244,00			244,00
			G		88,58			88,58
			V		972,01			972,01
		3	N				22,00	22,00
			G				12,50	12,50
			V				139,70	139,70
CASTANHA SAPUCAIA	Lecythis pisonis Cambess	1	N	76,00	22,00		23,00	121,00
			G	28,11	3,88		6,99	38,98
			V	318,11	41,96		78,42	438,49
		2	N	66,00	21,00		15,00	102,00
			G	45,04	5,40		9,92	60,36
			V	495,78	56,96		112,88	665,62
		3	N		6,00		63,00	69,00
			G		3,02		52,09	55,10
			V		30,83		552,70	583,54
COPAIBA	Copaifera reticulata	1	N		130,00			130,00
			G		34,64			34,64
			V		414,43			414,43
		2	N		26,00			26,00
			G		8,61			8,61

			V		97,09			97,09
		3	N				5,00	5,00
			G				2,42	2,42
			V				27,36	27,36
CUMARU	Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.	1	N	331,00	88,00		13,00	432,00
			G	130,27	13,99		10,70	154,96
			V	1.279,61	129,61		102,82	1.512,04
		2	N	664,00	251,00		19,00	934,00
			G	249,13	40,56		15,29	304,98
			V	2.151,07	305,91		156,47	2.613,45
		3	N		31,00		131,00	162,00
			G		5,17		60,32	65,50
			V		38,17		524,47	562,64
CUMARU VERMELHO	Dipteryx magnifica (Ducke) Ducke	1	N	691,00	133,00		42,00	866,00
			G	283,97	21,85		32,89	338,71
			V	2.736,01	229,17		286,29	3.251,47
		2	N	205,00	28,00		37,00	270,00
			G	115,64	4,49		38,09	158,23
			V	1.062,86	39,84		335,90	1.438,59
		3	N		3,00		43,00	46,00
			G		0,56		34,71	35,27
			V		4,23		297,12	301,35
CUPIUBA	Goupia glabra Aubl.	1	N	348,00	67,00			415,00
			G	121,27	11,17			132,44
			V	1.235,29	107,91			1.343,20
		2	N	1.256,00	130,00		14,00	1.400,00
			G	541,53	21,84		9,78	573,15
			V	5.360,06	185,35		108,70	5.654,12
		3	N		9,00		589,00	598,00
			G		1,50		267,03	268,54
			V		12,34		2.544,43	2.556,77

FAVA AMARGOSA	Vatairea sp.	1	N		17,00			17,00
			G		6,15			6,15
			V		80,37			80,37
		2	N		7,00			7,00
			G		2,69			2,69
			V		31,19			31,19
		3	N		2,00			2,00
			G		0,93			0,93
			V		9,37			9,37
FREIJO BRANCO	Cordia exaltata	1	N		7,00			7,00
			G		1,74			1,74
			V		20,95			20,95
		2	N		13,00			13,00
			G		3,03			3,03
			V		35,90			35,90
		3	N					
			G					
			V					
GARAPEIRA	Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr.	1	N	3,00	7,00		1,00	11,00
			G	1,52	2,66		0,39	4,57
			V	17,35	32,32		3,17	52,84
		2	N	3,00	3,00		8,00	14,00
			G	0,86	1,29		5,14	7,30
			V	10,01	15,49		55,53	81,03
		3	N		1,00		3,00	4,00
			G		0,39		1,87	2,26
			V		4,22		17,04	21,25
GOIABAO	Pouteria pachycarpa Pires	1	N		15,00		3,00	18,00
			G		2,59		0,85	3,44
			V		29,42		11,30	40,72
		2	N		8,00		1,00	9,00

			G		1,71		0,21	1,92
			V		21,21		2,28	23,49
		3	N		1,00			1,00
			G		0,52			0,52
			V		6,35			6,35
GUAJARA BOLACHA	Sarcaulus brasiliensis Cambess.	1	N	230,00	210,00		708,00	1.148,00
			G	107,71	35,64		195,00	338,34
			V	1.231,45	393,17		2.220,78	3.845,39
		2	N	226,00	142,00		485,00	853,00
			G	112,06	24,28		134,89	271,22
			V	1.262,57	246,94		1.479,73	2.989,24
		3	N		3,00		26,00	29,00
			G		0,49		10,74	11,23
			V		5,25		115,06	120,31
GUAJARA CINZA	Pouteria sp.	1	N		60,00			60,00
			G		17,47			17,47
			V		206,65			206,65
		2	N		11,00			11,00
			G		4,59			4,59
			V		53,63			53,63
		3	N		1,00		1,00	2,00
			G		0,20		0,50	0,70
			V		2,23		5,12	7,35
GUAJARA FERRO	Micropholis venulosa	1	N		326,00			326,00
			G		91,42			91,42
			V		1.066,41			1.066,41
		2	N		82,00			82,00
			G		25,79			25,79
			V		288,82			288,82
		3	N				10,00	10,00
			G				3,02	3,02

			V				31,48	31,48
GUAJARA GOIABA	Pouteria cospidata robusta	1	N		1,00			1,00
			G		0,48			0,48
			V		6,17			6,17
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					
			V					
GUAJARA PEDRA	Pouteria sp	1	N		1,00			1,00
			G		0,54			0,54
			V		6,60			6,60
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					
			V					
GUAJARA SAPUCAIA	Pouteria venosa amazonica	1	N		1,00			1,00
			G		0,13			0,13
			V		1,57			1,57
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					
			V					
GUAJARA VERMELHO	Pouteria Ramiflora	1	N					
			G					
			V					

		2	N		1,00			1,00
			G		0,31			0,31
			V		3,55			3,55
		3	N					
			G					
			V					
IPE	Tabebuia serratifolia (Vahl) G.Nicholson	1	N	20,00	38,00		17,00	75,00
			G	6,91	8,12		6,42	21,44
			V	100,76	113,22		92,47	306,45
		2	N	9,00	28,00		11,00	48,00
			G	2,84	5,99		4,57	13,41
			V	37,51	82,96		55,36	175,83
		3	N		2,00		5,00	7,00
			G		0,90		2,00	2,89
			V		11,21		25,05	36,26
ITAUBA	Mezilaurus synadra (Mez) Kosterm.	1	N	264,00	113,00		60,00	437,00
			G	88,16	19,45		14,30	121,91
			V	950,27	204,07		155,58	1.309,92
		2	N	355,00	132,00		62,00	549,00
			G	134,55	22,57		14,46	171,58
			V	1.162,98	184,78		124,04	1.471,81
		3	N		10,00		100,00	110,00
			G		1,62		47,07	48,68
			V		9,72		407,45	417,17
JATOBA	Hymenaea courbaril L.	1	N	256,00	120,00		269,00	645,00
			G	121,12	20,06		95,41	236,59
			V	1.680,57	240,03		1.173,83	3.094,43
		2	N	59,00	22,00		66,00	147,00
			G	28,27	3,65		24,54	56,46
			V	367,57	41,70		297,17	706,44
		3	N				19,00	19,00
			G				9,18	9,18

			V				117,93	117,93
JUTAI	Hymenaea reticulata Ducke	1	N			2,00		2,00
			G			0,53		0,53
			V			6,36		6,36
		2	N			1,00		1,00
			G			0,62		0,62
			V			8,46		8,46
		3	N					
			G					
			V					
LOURO	Aiouea brasiliensis	1	N					
			G					
			V					
		2	N					
			G					
			V					
		3	N			1,00		1,00
			G			0,27		0,27
			V			2,98		2,98
LOURO AMARELO	Ocotea cymbarum H.B.K	1	N	62,00	77,00		79,00	218,00
			G	25,54	13,23		19,44	58,21
			V	309,41	156,22		236,36	701,99
		2	N	35,00	31,00		29,00	95,00
			G	17,54	5,15		8,77	31,46
			V	202,92	56,26		104,35	363,52
		3	N		5,00		12,00	17,00
			G		1,57		4,97	6,53
			V		17,38		58,44	75,82
LOURO CANELA	Aiouea spp	1	N					
			G					
			V					
		2	N		1,00			1,00
			G		0,28			0,28
			V		3,26			3,26
		3	N					
			G					

			V					
LOURO FAIA	<i>Euplassa pinnata</i> (Lam.) I.M. Johnst	1	N	12,00	13,00		4,00	29,00
			G	5,60	4,00		2,28	11,87
			V	79,62	54,64		29,24	163,50
		2	N	3,00	6,00		2,00	11,00
			G	1,38	2,12		0,71	4,22
			V	18,94	22,05		9,99	50,98
		3	N					
			G					
			V					
LOURO PRETO	<i>Ocotea fragrantissima</i>	1	N	81,00	80,00		38,00	199,00
			G	25,46	12,79		9,43	47,69
			V	273,84	141,44		106,72	522,00
		2	N	165,00	74,00		41,00	280,00
			G	65,75	12,48		11,32	89,56
			V	679,89	122,86		118,56	921,30
		3	N		10,00		94,00	104,00
			G		2,35		45,40	47,75
			V		23,18		458,29	481,46
LOURO VERMELHO	<i>Sextonia rubra</i> (Mez) Van der Werf	1	N	244,00	29,00		58,00	331,00
			G	97,26	5,37		20,82	123,45
			V	1.146,55	61,89		243,34	1.451,79
		2	N	110,00	17,00		29,00	156,00
			G	50,88	3,22		15,56	69,66
			V	571,63	34,42		179,18	785,23
		3	N		3,00		12,00	15,00
			G		1,08		5,45	6,53
			V		12,11		66,46	78,57
MACACAUBA	<i>Platymiscium paraense</i> Huber	1	N		17,00			17,00
			G		4,21			4,21
			V		56,20			56,20
		2	N		15,00			15,00
			G		4,16			4,16
			V		50,73			50,73
		3	N		5,00		3,00	8,00
			G		1,06		1,08	2,13

			V		12,20		13,21	25,41
MACARANDUBA	Manilkara huberi (Ducke) Chevalier	1	N	14,00	29,00		14,00	57,00
			G	5,07	8,52		5,65	19,24
			V	59,78	99,62		68,70	228,10
		2	N	12,00	11,00		8,00	31,00
			G	3,75	3,08		3,36	10,19
			V	39,34	33,26		38,32	110,92
		3	N		2,00		2,00	4,00
			G		0,54		1,04	1,58
			V		6,77		10,82	17,59
MAPARAJUBA	Manilkara bidentata (A.DC) A. Chev	1	N	405,00	409,00		25,00	839,00
			G	117,82	65,34		9,46	192,62
			V	1.319,74	698,52		96,37	2.114,62
		2	N	294,00	158,00		43,00	495,00
			G	93,57	25,11		19,46	138,15
			V	951,55	230,10		174,52	1.356,18
		3	N		9,00		39,00	48,00
			G		1,61		15,94	17,55
			V		12,75		164,95	177,70
MARUPA	Simarouba amara Aubl.	1	N		144,00			144,00
			G		39,20			39,20
			V		469,25			469,25
		2	N		56,00			56,00
			G		14,62			14,62
			V		169,89			169,89
		3	N				2,00	2,00
			G				0,75	0,75
			V				9,70	9,70
MATAMATA	Eschweilera parviflora	1	N		1,00			1,00
			G		0,14			0,14
			V		1,37			1,37
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					

			V				
MATAMATA JIBOIA	Eschweilera pedicellata	1	N		49,00		49,00
			G		9,78		9,78
			V		109,32		109,32
		2	N		91,00		91,00
			G		20,65		20,65
			V		224,54		224,54
		3	N		2,00	5,00	7,00
			G		0,36	1,57	1,93
			V		3,52	17,57	21,09
MATAMATA VERMELHO	Eschweilera sp.	1	N		143,00		143,00
			G		34,61		34,61
			V		358,81		358,81
		2	N		45,00		45,00
			G		11,01		11,01
			V		111,97		111,97
		3	N		3,00	3,00	6,00
			G		0,43	0,81	1,24
			V		3,88	7,70	11,58
MELANCIEIRO	Alexa grandiflora	1	N		303,00		303,00
			G		72,21		72,21
			V		831,11		831,11
		2	N		186,00		186,00
			G		46,06		46,06
			V		507,73		507,73
		3	N		1,00	8,00	9,00
			G		0,19	2,42	2,61
			V		1,16	25,90	27,07
MIRINDIBA	Buchenavia grandis	1	N		39,00		39,00
			G		14,91		14,91
			V		176,67		176,67
		2	N		21,00		21,00
			G		10,92		10,92
			V		127,89		127,89
		3	N		1,00		1,00
			G		0,25		0,25

			V		2,73			2,73
MUIRACATIARA	<i>Astronium lecointei</i> Ducke	1	N	159,00	84,00		34,00	277,00
			G	56,46	14,96		17,66	89,08
			V	862,60	218,12		273,90	1.354,62
		2	N	57,00	37,00		18,00	112,00
			G	22,44	6,51		11,99	40,93
			V	314,66	86,43		175,53	576,63
		3	N		2,00		18,00	20,00
			G		0,48		7,01	7,49
			V		6,21		95,50	101,71
MUIRAPIRANGA	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	1	N	394,00	194,00		124,00	712,00
			G	137,25	32,05		31,80	201,09
			V	1.530,52	346,72		353,24	2.230,48
		2	N	129,00	51,00		23,00	203,00
			G	54,89	8,26		7,48	70,63
			V	581,61	77,55		80,44	739,59
		3	N		6,00		27,00	33,00
			G		0,96		12,26	13,22
			V		8,17		130,12	138,28
MUIRATINGA	<i>Maquira guianensis</i>	1	N		1,00			1,00
			G		0,42			0,42
			V		5,39			5,39
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					
			V					
OITICICA	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	1	N	209,00	73,00		46,00	328,00
			G	84,32	13,53		18,28	116,14
			V	1.013,25	154,63		208,95	1.376,83
		2	N	60,00	29,00		22,00	111,00
			G	23,46	5,27		9,32	38,05
			V	272,14	54,66		100,42	427,21
		3	N				4,00	4,00
			G				1,81	1,81

			V				21,90	21,90
ORELHA DE MACACO	Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth	1	N	1,00	15,00		10,00	26,00
			G	0,39	5,54		3,49	9,42
			V	4,47	60,80		41,30	106,58
		2	N	3,00	20,00		15,00	38,00
			G	0,95	6,57		6,54	14,05
			V	10,33	65,66		63,59	139,58
		3	N		1,00		1,00	2,00
			G		0,19		0,29	0,48
			V		2,22		3,33	5,55
PARAPARA	Jacaranda copaia (Aubl) D.Don	1	N					
			G					
			V					
		2	N					
			G					
			V					
		3	N		1,00			1,00
			G		0,13			0,13
			V		1,56			1,56
PAU SANTO	Zollernia paraenses Huber	1	N		1,00			1,00
			G		0,42			0,42
			V		4,89			4,89
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					
			V					
PEQUIA	Caryocar villosum(Aubl.) Pers.	1	N	75,00	5,00		31,00	111,00
			G	54,71	0,89		12,08	67,68
			V	540,30	9,36		118,97	668,64
		2	N	173,00	4,00		47,00	224,00
			G	162,18	0,61		26,46	189,26
			V	1.410,18	3,63		235,26	1.649,07
		3	N		1,00		66,00	67,00
			G		0,18		77,72	77,90

			V		1,35		622,12	623,46
PEQUIARANA	Caryocar glabrum(Aubl) Pers.	1	N		214,00			214,00
			G		143,42			143,42
			V		1.490,09			1.490,09
		2	N		391,00			391,00
			G		342,58			342,58
			V		3.260,20			3.260,20
		3	N		4,00		73,00	77,00
			G		0,89		78,99	79,88
			V		7,18		693,06	700,23
QUARUBA BOLACHA	Vochysia paraensis	1	N		1,00			1,00
			G		0,25			0,25
			V		2,92			2,92
		2	N					
			G					
			V					
		3	N					
			G					
			V					
QUARUBA CEDRO	Vochysia maxima	1	N		3,00			3,00
			G		1,08			1,08
			V		12,89			12,89
		2	N		2,00			2,00
			G		0,49			0,49
			V		5,81			5,81
		3	N					
			G					
			V					
QUARUBA GOIABA	Vouchysia floribunda Mart	1	N		33,00			33,00
			G		11,91			11,91
			V		147,47			147,47
		2	N		13,00			13,00
			G		3,96			3,96
			V		45,63			45,63
		3	N					
			G					

			V					
QUARUBA ROSA	<i>Vochysia vismiifolia</i> Spruce ex Warm.	1	N		9,00			9,00
			G		2,40			2,40
			V		30,41			30,41
		2	N		6,00			6,00
			G		1,60			1,60
			V		19,41			19,41
		3	N					
			G					
			V					
QUARUBARANA	<i>Erisma uncinatum</i> Warm.	1	N		57,00			57,00
			G		21,36			21,36
			V		248,76			248,76
		2	N		95,00			95,00
			G		50,94			50,94
			V		579,40			579,40
		3	N		3,00		10,00	13,00
			G		1,94		5,16	7,10
			V		20,93		48,24	69,17
QUARUBATINGA	<i>Qualea paraensis</i> Ducke	1	N	63,00	28,00		72,00	163,00
			G	34,59	7,90		23,32	65,81
			V	396,05	87,07		272,37	755,49
		2	N	57,00	15,00		45,00	117,00
			G	33,66	3,96		17,91	55,54
			V	381,89	43,06		203,70	628,65
		3	N		3,00		5,00	8,00
			G		1,45		3,26	4,70
			V		13,47		35,58	49,05
ROXINHO	<i>Peltogyne paradoxa</i> Ducke	1	N	21,00	21,00		14,00	56,00
			G	6,59	3,91		3,47	13,97
			V	77,83	45,15		40,74	163,72
		2	N	3,00	2,00		2,00	7,00
			G	1,24	0,44		0,46	2,14
			V	15,12	5,17		4,30	24,58
		3	N				1,00	1,00
			G				0,26	0,26

			V				2,99	2,99
SUCUPIRA AMARELA	Bowdichia nitida	1	N		17,00			17,00
			G		4,79			4,79
			V		60,36			60,36
		2	N		3,00			3,00
			G		0,89			0,89
			V		11,01			11,01
		3	N					
			G					
			V					
SUCUPIRA PELE DE SAPO	Diploptropis racemosa (Hoehne) Amshoff	1	N	10,00	60,00		9,00	79,00
			G	2,58	12,18		2,47	17,23
			V	33,75	151,76		30,42	215,93
		2	N	2,00	43,00		4,00	49,00
			G	0,48	8,72		1,05	10,26
			V	5,60	100,97		11,44	118,01
		3	N		2,00			2,00
			G		0,38			0,38
			V		3,82			3,82
SUCUPIRA PRETA	Diploptropis purpurea (Rich.) Amshoff	1	N	18,00	46,00		27,00	91,00
			G	5,33	10,75		7,54	23,63
			V	67,84	130,44		94,05	292,33
		2	N	9,00	20,00		10,00	39,00
			G	2,40	3,72		2,76	8,89
			V	30,94	41,59		28,78	101,32
		3	N					
			G					
			V					
TANIBUCA AMARELA	Buchenavia parvifoliaDucke	1	N	64,00	5,00		5,00	74,00
			G	32,50	1,43		3,66	37,59
			V	381,33	17,24		43,93	442,50
		2	N	167,00	6,00		10,00	183,00
			G	101,99	2,49		7,25	111,73
			V	1.154,24	27,64		83,95	1.265,83
		3	N		5,00		185,00	190,00
			G		2,40		133,33	135,73

			V		21,76		1.357,19	1.378,95
TANIBUCA PRETA	Buchenavia huberi Ducke	1	N	11,00	7,00		4,00	22,00
			G	4,98	1,60		0,98	7,57
			V	57,07	17,08		11,13	85,28
		2	N	57,00	26,00		19,00	102,00
			G	26,05	8,29		8,59	42,92
			V	266,02	89,49		86,76	442,26
		3	N		14,00		37,00	51,00
			G		4,51		23,37	27,88
			V		42,78		219,54	262,32
TATAJUBA	Bagassa guianensis Aubl.	1	N	2,00	2,00		7,00	11,00
			G	1,37	0,73		3,56	5,66
			V	17,42	8,94		45,08	71,44
		2	N		3,00		2,00	5,00
			G		1,32		1,30	2,62
			V		16,14		15,58	31,73
		3	N					
			G					
			V					
TAUARI	Couratari sp.	1	N		715,00			715,00
			G		422,33			422,33
			V		5.500,54			5.500,54
		2	N		261,00			261,00
			G		197,65			197,65
			V		2.555,87			2.555,87
		3	N		1,00		21,00	22,00
			G		0,18		17,11	17,29
			V		2,65		224,64	227,29
TAUARI BRANCO	Couratari stellata A.C.Sm.	1	N		30,00			30,00
			G		11,86			11,86
			V		153,58			153,58
		2	N		7,00			7,00
			G		2,51			2,51
			V		28,65			28,65
		3	N		1,00			1,00
			G		0,42			0,42

			V		5,16			5,16
TAUARI CACHIMBO	Cariniana rubra	1	N		1,00			1,00
			G		0,86			0,86
			V		9,96			9,96
		2	N		1,00			1,00
			G		0,86			0,86
			V		11,07			11,07
		3	N		1,00			1,00
			G		1,44			1,44
			V		11,88			11,88
TAUARI VERMELHO	Cariniana micrantha Ducke	1	N	31,00	18,00		32,00	81,00
			G	15,31	4,82		9,12	29,25
			V	186,27	59,54		110,07	355,88
		2	N	10,00	8,00		11,00	29,00
			G	4,77	3,05		3,73	11,55
			V	55,17	35,19		43,26	133,62
		3	N		2,00		1,00	3,00
			G		0,73		0,32	1,05
			V		8,86		4,11	12,97
TIMBORANA	Newtonia suaveolens (Miq.) Brenan.	1	N	44,00	36,00		77,00	157,00
			G	20,41	6,56		22,48	49,44
			V	237,77	74,84		255,04	567,65
		2	N	209,00	50,00		148,00	407,00
			G	106,37	8,58		46,26	161,22
			V	1.214,67	89,44		522,47	1.826,58
		3	N		7,00		85,00	92,00
			G		1,08		34,32	35,41
			V		10,25		370,50	380,75
UXI	Endopleura uchi (Huber) Cuatrec.	1	N	171,00	291,00		125,00	587,00
			G	50,89	48,06		27,58	126,53
			V	558,58	508,63		298,42	1.365,63
		2	N	142,00	189,00		60,00	391,00
			G	42,86	30,52		13,27	86,65
			V	456,83	299,51		138,27	894,61
		3	N		7,00		18,00	25,00
			G		1,22		4,60	5,82

			V		11,62		48,87	60,49	
CASTANHEIRA	Bertholletia excelsa	1	N						
			G						
			V						
		2	N			1,00		1,00	
			G			0,47		0,47	
			V			5,19		5,19	
		3	N						
			G						
			V						
Total N					11.002,00	12.166,00	1,00	5.575,00	28.744,00
Total G					5.029,57	3.959,71	0,47	2.530,59	11.520,34
Total V					53.820,71	44.658,91	5,19	26.565,86	125.050,67

Tabela 8: Distribuição da intensidade de corte por UT

UT	ÁREA	Total	Intensidade
1	44,0522	747,46	16,97
2	97,8779	1.904,17	19,45
3	95,7319	2.212,68	23,11
4	92,8306	2.107,66	22,70
5	98,1551	2.128,58	21,69
6	97,4231	1.834,43	18,83
7	98,0828	1.978,86	20,18
8	98,4501	1.405,16	14,27
9	90,6603	1.387,23	15,30
10	99,1107	1.551,06	15,65
11	91,9397	2.108,47	22,93
12	97,5403	2.479,66	25,42
13	80,9933	2.089,51	25,80
14	89,7502	2.189,77	24,40
15	96,3391	1.831,97	19,02
16	95,4469	1.377,77	14,43
17	95,9400	1.888,57	19,68
18	95,4029	2.249,13	23,58
19	97,4991	2.344,77	24,05
20	30,1822	397,73	13,18
21	94,1035	2.427,87	25,80
22	91,6286	1.529,74	16,70
23	97,7621	1.812,47	18,54
24	98,1148	2.175,01	22,17
25	94,2034	1.456,06	15,46
26	117,7232	2.384,18	20,25
27	52,7956	715,47	13,55
28	125,5781	3.239,83	25,80
29	97,4145	1.865,45	19,15
Total Geral		53.820,71	20,29